



GESTÃO DA NOITE E OPORTUNIDADES DE DESENVOLVIMENTO DOS TERRITÓRIOS

Teresa Alves

Doutora em Geografia Humana pela Universidade de Lisboa, Portugal.
Professora do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da
Universidade de Lisboa, Portugal.

E-mail: teresa.alves@fl.ul.pt

Resumo

Este artigo tem como objetivos: reflectir sobre as mudanças nos contextos de uso de tempo e de espaço e nas práticas individuais e colectivas e como estas ajudam a compreender as dinâmicas de desenvolvimento dos territórios à noite e, em particular, o crescimento dos serviços; e discutir como é que os processos de planeamento e de gestão podem intervir para que os territórios possam ser vividos com qualidade e de uma forma sustentável à noite. Nesse percurso, em busca de respostas, apresenta as seguintes questões: O território à noite necessita de uma gestão diferente da do dia? Quais podem ser os domínios de intervenção das políticas públicas na gestão do território à noite? Por conclusão, são apresentadas iniciativas e exemplos de boas práticas de gestão dos territórios à noite.

Palavras-chave: Gestão. Território. Noite. Planeamento urbano. Gestão da noite.

1 O TERRITÓRIO À NOITE NECESSITA DE UMA GESTÃO DIFERENTE DA DO DIA?

1.1 A noite não é um espaço-tempo igual ao dia

A primeira reflexão que se coloca é como a podemos definir/delimitar o espaço-tempo noite? A definição astronómica de noite é o intervalo de tempo entre o pôr e o nascer do Sol. A extensão da noite de acordo a definição astronómica varia ao longo do ano com a latitude mas, em média, a noite dura sempre metade do tempo de um ano, a distribuição ao longo do ano é que pode variar. Em Portugal, a noite mais longa ocorre no solstício de Inverno, entre 21 e 22 de Dezembro, e a mais curta ocorre no solstício de Verão, entre 21 e 22 de Junho.

Do ponto de vista económico e social a noite pode ser definida em função da diminuição da intensidade das actividades económicas e das relações da vida social no espaço público e pelo crescimento das funções que se orientam para as esferas da vida privada. Os limites serão ainda mais variáveis.

Um estudo realizado em Estrasburgo revelou que a cidade nos espaços públicos parava apenas entre as 1h 30m e as 4h e 30m da manhã (GWIAZDZINSKI, 2007). A distribuição do tráfego da Internet, em Portugal, mostra que os picos de utilização só decaem depois das 3h da manhã (www.marktest.pt). Mas há áreas nas grandes cidades que só ganham vida depois da meia-noite, quando começam a chegar os clientes das discotecas e dos bares ou as pessoas que apenas vão ficar nos espaços públicos criando as famosas “movidas” deambulando entre os diversos locais na noite.

Os limites da noite são difíceis de estabelecer pois podem ter diferentes naturezas e variam conforme os lugares, as culturas e a sensibilidade pessoal (PAQUOT, 2000).

O tempo dos territórios começou por ser ditado pelos ritmos naturais, a sucessão dos dias e das estações do ano. Com a urbanização da população o tempo dos territórios passou a depender da organização industrial do trabalho e os fluxos passaram a ter horas mais ou

menos fixas, independentemente, da duração do dia e da noite (GODARD, 1997). As inovações relacionadas com a iluminação artificial permitiram prolongar as jornadas de trabalho independentemente da luz do Sol e alterar os ritmos da vida do dia-a-dia.

Hoje, na sociedade dos serviços, os ritmos são cada vez mais dessincronizados, fragmentando os tempos sociais (ASCHER, 1997). Os impactos nos territórios são evidentes. Enquanto uns descansam, outros trabalham, uns estudam e outros divertem-se. O próprio espaço-tempo noite não é uniforme! Para Gwiazdzinski (2007) existem três tempos na noite que correspondem a três formas diferentes de ocupação dos espaços públicos: das 20 às 1h e 30m a noite avança invadida pelas actividades do dia, é o período das saídas culturais, com os amigos, dos passeios, pode-se ficar no espaços públicos ou regressar a casa; das 1h 30m às 4h 30m é o coração da noite, o momento em que a cidade descansa, nos espaços públicos ficam apenas os noctívagos e os trabalhadores com funções específicas, em geral, estão na noite para ficar; das 4h 30m às 6h é a madrugada, a noite acaba e o dia começa, os que regressam da noite encontram-se com os que estão a iniciar o dia de trabalho.

Não existe uma noite, mas múltiplas noites. A noite é um espaço-tempo com limites fluidos e com naturezas que variam de acordo com diversos aspectos, mas acima de tudo com os diferentes modos de organização da sociedade.

1.2 A noite é um espaço-tempo com características específicas

A noite é um espaço-tempo com características específicas e, por isso, o comportamento nos territórios das pessoas, das empresas e das instituições não é igual ao de dia. Em primeiro lugar, a ausência da luz natural do Sol contribui para acentuar a segregação socioterritorial. Há locais por onde passamos de dia e onde não queremos ir se for de noite. As acessibilidades no território podem ser condicionadas pela presença de iluminação artificial, mas também por pré-conceitos formados a partir de informações que podem ser correctas ou não. O facto de não haver luz natural permite que outros aspectos do território que durante o dia são neutralizados por aquilo que podemos chamar a tirania da visão possam ser colocados em evidência. A noite permite que desfrutemos de paisagens diferentes das do dia, ao nível dos sons ou dos cheiros, mas também ao nível do que podemos ver.

A ausência de luz natural tem implicações sobre os territórios porque afecta o modo como as pessoas se sentem e se comportam porque a percepção da realidade é diferente. Por exemplo, um ruído que durante o dia era quase imperceptível, à noite pode transformar-se em poluição sonora. Aspectos da organização social que de dia passavam despercebidos no meio das dinâmicas dos territórios, à noite podem ficar muito mais em evidência. Para o bem e para o mal a noite amplia os acontecimentos.

A iluminação cria segregação socio-espacial, no passado porque só algumas ruas ou localidades eram iluminadas, hoje porque a qualidade da iluminação ambiental é muito diferente de lugar para lugar.

Por fim, há uma forte associação entre noite e insegurança. À noite as pessoas estão mais inseguras porque sentem que não dominam, não conseguem conhecer os territórios como acontece durante o dia. A falta de luz natural tem implicações sobre o modo como as pessoas se comportam. Embora não existam dados que associem directamente noite e criminalidade, o que é certo é que há uma forte ligação, ao nível das representações, entre noite e insegurança. Digamos que a escuridão perturba e torna as pessoas mais sensíveis e vulneráveis. É evidente que existem conflitos que se acentuam à noite, mas são as especificidades deste espaço-tempo que de certo modo ampliam a realidade. Muitos destes conflitos podem resultar do território ser planeado para ser vivido de dia e não ter em conta que hoje existem cada vez mais pessoas a viver de noite, porque trabalham de noite, porque

estudam de noite, porque se divertem de noite. Articular no espaço ritmos de vidas cada vez mais dessincronizados é um dos grandes desafios do planeamento e da gestão territorial.

1.3 A noite tem representações muito negativas, mas é por excelência o momento da criação

A noite é de todos os momentos, aquele que encerra as representações mais negativas (HEURGON, 2005). Em quase todos os domínios do saber a noite surge como metáfora da ignorância, da superstição e do fanatismo. Falamos da “noite dos tempos” para referir períodos muito recuados no tempo sobre os quais pouco sabemos. A “longa noite fascista”, a “noite das facas longas”, a “noite de cristal”, as noites do KKK, os bombardeamentos em directo na TV na noite de Bagdade, povoam de terror a nossa história colectiva (ALVES, 2007b). Por oposição, a luz e o dia estão associados quase sempre ao progresso, ao bem e à evidência (ALVES, 2007b). Quando queremos esclarecer algo “fazemos luz sobre a situação”, ou quando queremos saber mais “vamos pôr em dia os nossos conhecimentos”. As expressões derivadas de luz estão quase sempre associadas a algo de positivo: iluminar, clarear, aurora, “iluminismo”, “Século das Luzes”, a noite cai, mas o dia nasce ou eleva-se...

Sem a noite, contudo, muitos dos progressos da humanidade não teriam acontecido (ALVES, 2007b). A noite é por excelência o momento da reflexão e da criação. Sem noite não teria havido, por exemplo, as grandes viagens marítimas, porque foi a noite que, ao permitir a observação das estrelas, e garantiu aos navegadores o sistema de orientação por mares desconhecidos, permitindo dar “novos mundos ao mundo”. E porque será que a maior parte das revoluções nascem de noite?

A noite é, por excelência, o espaço das transgressões, dos ritos iniciáticos, dos noctívagos, dos artistas, dos sonhos e do amor. A noite fascina-nos, perturba-nos, porque no nosso imaginário colectivo a noite está associada aos momentos mágicos. Apesar de toda a carga negativa, da dimensão obscura que continua a inquietar-nos, a noite tem vindo a ganhar uma representação mais poética que valoriza aspectos como a liberdade e a criatividade.

Um inquérito realizado em 2009 a alunos de duas Universidades em Lisboa sobre o modo como viam a noite deu os seguintes resultados. A noite surge associada predominantemente ao mistério, ao repouso, ao sono e à calma, à boémia, à festa e ao divertimento, à insegurança, ao perigo e ao medo, mas também à liberdade, aos artistas e à criatividade... Para estes jovens a noite raramente evoca: obrigações, trabalho, razão, estudo ou responsabilidades... Inquéritos realizados em França tinham demonstrado que a noite é definida pelos jovens como um tempo escolhido, um tempo de liberdade, enquanto o dia está associado às obrigações (ESPINASSE; BUHAGIAR, 2004). Estes resultados em relação a um conjunto de jovens portugueses parecem ir no mesmo sentido. Os seus comportamentos nos territórios são certamente condicionados pela maneira como percebem e sentem o espaço-tempo noite o que resulta das suas próprias experiências, ampliado pelo que lhes chega através da circulação da informação.

2 NOVOS CONTEXTOS DE USO DO TEMPO E DO ESPAÇO

As mudanças na organização da sociedade conduzem a alterações no modo como empregamos o tempo: nos tipos de usos, nos ritmos, nas sequências e nas sincronias (HERVE, 2001). Dormimos menos horas do que no passado. O tempo de trabalho depois de um período em que diminuiu, muda de características e pode mesmo estar a aumentar, apesar do crescimento do desemprego. Os tempos da sociabilidade vão sendo cada vez mais difíceis de sincronizar. Todos nos queixamos que não temos tempo para a família, para os amigos, para nós. As novas tecnologias de comunicação introduzem mudanças no modo como organizamos as sequências dos usos do tempo e podem subverter as fronteiras entre os tipos de uso, como

acontece quando transportamos para o espaço da vida privada o trabalho, abolindo horários e a separação dos lugares sociais.

A organização do tempo de trabalho - aumento da intensidade e da polivalência dos trabalhadores (ALVES, 2005), crescimento do emprego a tempo parcial forçado, dos contratos por períodos de tempo indeterminado, da precariedade, dos períodos de desemprego e da desregulação dos horários - continua a marcar os ritmos e as sequências da vida do quotidiano, mesmo dos que não têm trabalho (EC, 2003).

O trabalho foi, durante séculos, uma forma de socialização, onde se criavam laços de amizade, de família e de solidariedade que se prolongavam para fora do espaço e do tempo de trabalho. Hoje, com a individualização das práticas de trabalho tudo isto corre o risco de desaparecer (HERVE, 2001). As mudanças na organização do trabalho (mais intenso, mais polivalente, mais desregulado...) resultam da evolução da própria sociedade que se expressa em contextos de maior individualização dos modos de vida, do crescimento do carácter efémero das referências e dos relacionamentos, da diminuição da ritualização da vida colectiva, da desorganização dos ritmos e tempos de vida pessoal e familiar (ASCHER, 1997).

Em resultado destas transformações assistimos ao surgimento de novas lógicas de pertença que valorizam os grupos sociais formados em torno dos tempos livres e das práticas de lazer. Hoje os “amigos para a vida” não vêm dos locais de trabalho, mas dos bancos da escola e, frequentemente, são os que se formam em torno das práticas dos tempos de livres. Estes novos contextos sociais, em termos territoriais podem estar a contribuir para a valorização à noite dos espaços públicos, em detrimento das relações associadas à família e aos espaços privados. Assim se pode explicar a dinâmica de espaços urbanos para onde confluem à noite pessoas provenientes de diferentes lugares e que se reúnem para socializar depois de terem passado o dia em actividades localizadas em territórios muito dispersos. Em Portugal muitas das iniciativas de gestão do território que afectam o período da noite surgem em torno destes bairros onde se concentra o dinamismo económico à noite. Por exemplo na maior parte da cidade de Lisboa, o estacionamento no espaço público é gratuito a partir das 19 ou 20h, excepto nestes bairros onde se tem de pagar o estacionamento até às 2h da manhã.

Um dos factores que mais promoveu mudanças no uso do tempo e do espaço foi a integração das mulheres no mercado de trabalho. A necessidade de conciliar tempos de trabalho doméstico e trabalho assalariado foi um factor-chave para o desenvolvimento de serviços com horários atípicos, nomeadamente, à noite e ao fim-de-semana. A continuação da não partilha das funções domésticas, que continuam a ser um domínio especificamente feminino, impõe ritmos e sequências nos usos do tempo que impedem as mulheres de terem tempo para si e, em particular, para sair à noite. Esta situação contribui para o facto dos públicos da noite serem predominantemente masculinos criando formas de segregação socioterritorial que geram insegurança e podem afastar outros potenciais utilizadores do território à noite. O sucesso de alguns espaços da noite decorre precisamente da heterogeneidade: de género, de etnias, de nacionalidades, de idades... Os eventos nocturnos mais concorridos são os que cruzam gerações e pessoas das mais diferentes origens sociais, como acontece com as festas populares que cada concelho ou mesmo freguesia organiza durante os meses mais quentes.

As mudanças nos ritmos e nos usos do tempo alteraram as relações dos indivíduos com os territórios e criaram novas dinâmicas. A organização do espaço depende, cada vez menos, de conceitos tradicionais de distância, proximidade ou densidade, e está, cada vez mais, relacionada com conceitos espaço-temporais como velocidade, movimento, acessibilidade, duração, horários, ritmos, conectividade... que decorrem das novas formas de organização da sociedade, mais flexível, mais rápida e com maior mobilidade (BOULIN, 2002). Os territórios herdados de uma concepção de tempo mais estável foram ultrapassados por novas relações territoriais que resultam de novas dinâmicas na localização do emprego, dos

locais de consumo e da residência, das novas formas de mobilidade e de consumo, das tecnologias de comunicação e de uma organização do funcionamento da sociedade cada vez mais em rede (ASCHER, 1995; CASTELLS, 1996; BOULIN, 2002), e em escalas cada vez mais diversas. Em vez de vivermos em territórios com limites bem definidos, vivemos em nubladas de geografia variável, com limites incertos e com ritmos e tempos de funcionamento cada vez mais dessincronizados. Cada bairro pode ter temporalidades diversas. Já não são apenas as questões relacionadas com os ritmos das periferias dormitórios que só têm vida ao início e ao fim do dia, ou do esvaziamento dos centros históricos das cidades à noite, mas outras áreas que ganham e perdem vida com temporalidades diversas. O desenvolvimento de actividades predominantemente nocturnas em determinadas áreas está a contribuir, até certo ponto, para novas fragmentações socioterritoriais, aos territórios onde todos dormem contrapõem-se os territórios que nunca se dorme, com todos os conflitos que esta situação pode gerar. Mas em determinados contextos o desenvolvimento de actividades predominantemente nocturnas pode ajudar a desenvolver espaços que do ponto de vista social são tudo menos segregadores.

O exemplo do Bairro Alto em Lisboa ilustra bem este aspecto. À noite confluem para este espaço pessoas das mais diversas proveniências geográficas e origens sociais. A conflitualidade com os residentes mais antigos não é significativa. A população residente idosa não sente, em geral, a presença de vida na rua até tarde como uma ameaça ou risco. Nalguns casos o comércio tradicional transformou-se alargando horários e vendo nesta vida nocturna uma oportunidade de negócio, como acontece com as pequenas unidades de comércio alimentar que funcionam até mais tarde para venderem produtos a preços muito mais reduzidos do que nos restaurantes ou nos bares. A presença de milhares de pessoas nalgumas noites do ano confere a este território um carácter único que o transforma numa das principais atracções turísticas da cidade. Num centro de cidade que se caracteriza pelo declínio dos residentes esta dinâmica demonstra que a cidade nocturna “acolhe” aqueles que durante o dia não têm lugar nela. Durante o dia a cidade é mais segregadora do que durante a noite: porque na maior parte dos casos, durante o dia não há trabalho para esta população, porque não existe habitação a preços compatíveis com os seus rendimentos. Mas à noite a cidade tem capacidade para acolher todos os que tiverem possibilidade de até ela se deslocarem.

Os horários dessincronizados, por outro lado, contribuem para o desenvolvimento de uma sociedade em contínuo com cada vez mais pessoas a utilizar os espaços públicos durante a noite. Os ritmos mais acelerados estimulam a utilização dos meios de transportes individuais, aumentam a mobilidade e promovem as deambulações por razões diferentes das do passado e com lógicas de tempo muito diversificadas (HERVE, 2001). Mas o desenvolvimento de uma sociedade 24 horas/7 dias não significa que nas nossas cidades, os nossos territórios mais próximos, tenham de funcionar em contínuo. A acessibilidade a bens e serviços, a qualquer hora e em qualquer lugar pode decorrer mais da facilidade de nos movimentarmos do que da proximidade física e acima de tudo do desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação. Este processo, conjugado com a desmaterialização crescente dos bens e serviços consumidos, contribuiu de forma decisiva para a mudança no modo como podemos aceder a estes bens e serviços e o incremento de uma sociedade 24 horas/7 dias que se organiza cada vez mais a diferentes escalas, do local ao global.

À medida que se desenvolvem novos usos do tempo e do espaço mais dessincronizados e com maior destaque para os usos em tempos nocturnos os conflitos entre indivíduos, nos espaços públicos, podem acentuar-se. Nalguns bairros surgem conflitos entre habitantes ciosos da sua tranquilidade e os consumidores dos locais da noite, símbolos da emergência de um espaço público nocturno. O modo como os poderes autárquicos em Portugal têm procurado gerir estas tensões resume-se a uma política de horários de funcionamento dos estabelecimentos e de normas sobre a circulação de veículos. Em muitos casos estas decisões não só não alteram nada como exacerbam os problemas. Em alguns casos

o encerramento dos estabelecimentos a determinada hora só se traduziu no aumento do barulho no espaço público, pois as pessoas ao saírem dos espaços privados permanecem no espaço público até mais tarde. Noutros casos significou deslocar o conflito para outras áreas da cidade onde os estabelecimentos podem permanecer abertos até ao amanhecer. As decisões das políticas das autarquias em termos de horários de funcionamento dos estabelecimentos não são uniformes em termos territoriais e criam processos de segregação que levam por vezes à guetização dos usos dos espaços.

2.1 Usos do tempo

As mudanças nos usos do tempo são evidentes durante o dia, mas é à noite que as dinâmicas são mais intensas: dormimos cada vez menos tempo; à noite há cada vez mais pessoas a trabalhar em casa e fora dela; os horários das actividades económicas prolongam-se e entram pela noite dentro; ao mesmo tempo o trabalho doméstico também se estende pela noite dentro, por vezes até altas horas; o tempo livre é cada vez menos livre; o tempo dedicado ao lazer assume cada vez maior importância configurando usos no território que até há pouco tempo se confinavam ao espaço privado das nossas casas.

Para analisar estas mudanças utilizámos uma classificação do tempo elaborada por um grupo de investigadores finlandeses (AAS, et al., 1986) e que está na base da maior parte dos inquéritos oficiais que dividiu os usos do tempo em quatro categorias: contratado, comprometido, necessário e livre.

O *tempo contratado* é o tempo dedicado ao trabalho remunerado e ao estudo. Tem uma dominância diurna, mas ocupa cada vez mais o período da noite. O número de pessoas que trabalha e estuda à noite não tem parado de crescer. Em Portugal e em todo o mundo dito desenvolvido. Num artigo com a Diana Almeida comparámos os dados que obtivemos para Portugal com outros países europeus, Japão, EUA, Canadá, Austrália e Coreia do Sul verificamos que as tendências de evolução são semelhantes (ALVES; ALMEIDA, 2011).

O *tempo comprometido*, tal como o tempo contratado, tem prioridade sobre o tempo necessário e o tempo livre, na medida em que é assumido como tempo dedicado ao trabalho produtivo (embora não entre nas contas nacionais, e é claramente o que leva os países do sul da Europa parecerem mais improdutivos do que os do norte). Refere-se ao tempo utilizado para fazer os trabalhos domésticos e as aquisições necessárias a manter a casa e a família e as deslocações que lhes estão associadas. Hoje autores como Goodman (2008) incluem neste tipo o tempo dedicado ao trabalho voluntário. O tempo comprometido reparte-se de um modo em que o período da noite tem vindo a ganhar relevância, sobretudo à medida que crescem os horários atípicos e as mulheres entram no mercado de trabalho, pois muito do trabalho doméstico é feito à noite.

O *tempo necessário* é utilizado em actividades relacionadas com comer, dormir, higiene pessoal e em certa medida as actividades físicas relacionadas com a saúde e a qualidade de vida. O tempo necessário ocupa, em geral, a maior parcela do tempo das pessoas pois o tempo que passamos a dormir é tido em conta nesta categoria e este é o tipo de uso do tempo mais relevante, pois é ditado por necessidades fisiológicas. O tempo necessário é o tipo de tempo que domina o período da noite.

O *tempo livre* refere-se ao que resta das 24 horas do dia depois de subtrairmos os outros três tipos de uso do tempo. Este tipo de uso do tempo não é necessariamente um tempo discricionário como o termo tempo "livre" parece implicar, porque as pessoas tendem a planear actividades com antecedência e a criar tempo livre *comprometido* em vez de verdadeiro tempo livre.

O tempo contratado – tempo de estudo e trabalho e das viagens associadas - não é o que ocupa a em média maior parcela do tempo diário de um indivíduo, mas é o que tem maior

impacto na definição dos ritmos e das sequências da vida do dia a dia, mesmo dos que não têm trabalho ou não estudam. As pessoas (são todas mulheres) que declararam nos inquéritos do Projecto NOITe que não trabalhavam fora de casa, em média não dormem mais horas e continuam a levantar-se antes dos maridos e dos filhos para lhes prepararem o pequeno-almoço.

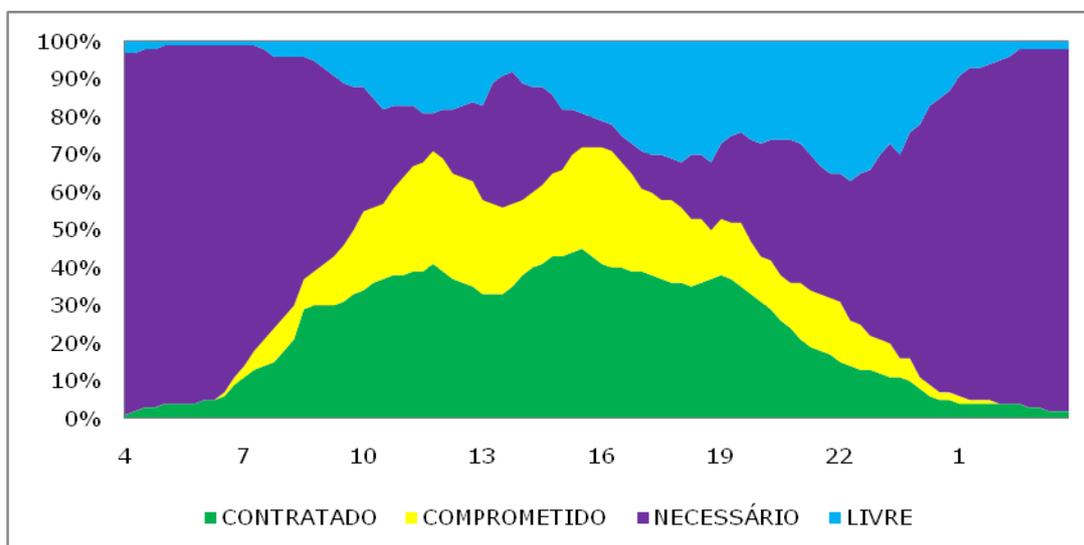


Figura 1 - Repartição ao longo das 24h dos tipos de usos do tempo, Portugal, 2010/11

Fonte: Projecto Noite: Oportunidades e Inovação no Território (NOITe) (PTDC/GEO/64240/2006)

De acordo com os inquéritos realizados o tempo contratado ocupa em média 23% do tempo de um dia de semana de um indivíduo adulto, enquanto o tempo necessário ocupa quase 50% do dia (Figura 1). Enquanto o tempo contratado e o tempo comprometido são tempos iminentemente diurnos, cerca de 80% destes tipos de uso do tempo ocorrem entre as 8 e as 20h, o tempo necessário é o tipo de tempo que domina a noite, 75% deste tipo de uso ocorre entre as 20 e as 8h. O tempo livre é o que se distribui de forma mais equitativa entre dia e noite, respectivamente 58 e 42%.

Quando inquiridos sobre o que mudou no uso do tempo nos últimos anos verificamos que as pessoas, à medida que envelhecem e a qualidade dos espaços privados vão melhorando, vão saindo cada vez menos à noite. Contudo, todas as pessoas inquiridas afirmaram sair à noite por motivos de lazer várias vezes ao ano. As idas a espectáculos como o cinema, teatro ou concertos de música são as razões mais frequentemente invocadas nas áreas urbanas e as festas populares nas áreas com cariz mais rural.

Os adultos jovens são os que mais saem por motivos de trabalho e familiares. É entre este grupo que surge com maior frequência o trabalho que se prolonga pela noite dentro, no local de trabalho, mas sobretudo através do continuar em casa a jornada de trabalho. Entre os aspectos mais marcantes das mudanças no uso do tempo estão os que podem ser introduzidos pelas novas tecnologias de comunicação ao alterarem o modo como organizamos as sequências dos usos do tempo e o modo como vão subvertendo as fronteiras entre os tipos de uso, como acontece quando transportamos para o espaço da vida privada o trabalho, abolindo horários e a separação dos lugares sociais.

As diferenças entre os géneros continuam bem patentes nos usos do tempo. As mulheres dedicam, em média, mais tempo do que os homens, ao trabalho doméstico e aos cuidados da família e dispõem de menos tempo livre, o que revela o desequilíbrio que

continua a observar-se na repartição de tarefas, tal como acontece em todos os países europeus analisados num estudo de 2003 (EC, 2003). Se agregarmos o tempo de trabalho remunerado com o tempo de trabalho doméstico, verificamos que as mulheres trabalham em média mais horas do que os homens. Como o dia tem apenas 24 horas é no tempo da noite que as diferenças são mais evidentes: as mulheres dormem menos horas, trabalham até mais tarde, levantam-se em média antes da restante família, situação que se agrava quando existem crianças pequenas no agregado familiar.

Comparando os dados do uso do tempo num dia de semana e ao fim de semana verifica-se que as grandes diferenças estão, em primeiro lugar, no tempo dedicado ao trabalho fora de casa e em segundo lugar no facto de se aproveitar o tempo da noite para actividades diferentes de dormir, que começa em média hora e meia mais tarde ao fim de semana. Quando inquiridos sobre as mudanças as pessoas declaram, todavia, trabalhar agora mais frequentemente ao fim de semana, quer em trabalho remunerado quer em funções de cariz doméstico.

Os resultados dos inquéritos realizados no âmbito do projecto NOITE mostram como as mudanças na organização da sociedade conduzem a alterações no modo como empregamos o tempo (nos tipos de usos, nos ritmos, nas sequências e nas sincronias) e confirmam o aumento da relevância do espaço-tempo noite para todos os tipos de uso do tempo.

3 NOVAS PRÁTICAS INDIVIDUAIS E COLECTIVAS

As mudanças sociais e culturais das últimas décadas reforçaram a importância do espaço-tempo noite em todas as esferas da sociedade. Entre os factores de mudança podemos salientar: as mudanças demográficas como o crescimento do número de pessoas sozinhas, sem constrangimentos de horários familiares, ou o facto de as pessoas constituírem família cada vez mais tarde, permanecerem mais tempo em casa dos pais, livres dos encargos associados à vida familiar; a liberalização de costumes e práticas sociais - em consequência não só da redução da influência da religião, como também do crescimento dos níveis de instrução da população; os modos de vida urbanos - que reduzem a separação entre dia e noite, entre as estações do ano, e promovem ritmos de vida muito mais diversificados; a revalorização das práticas relacionadas com o tempo livre que, socialmente, deixaram de ser entendidas como uma perda de tempo e passaram a constituir-se como uma mais-valia na formação dos indivíduos.

3.1 Idades e usos do tempo

O aumento da esperança de vida tornou obsoleta a tradicional associação entre idades e principais usos do tempo: infância - tempo de formação; idade adulta - tempo de trabalho; velhice - tempo de repouso. Hoje, os tempos de transição infância - idade adulta e idade adulta - velhice são muito mais relevantes do que no passado, porque se prolongam mais no tempo, porque os modos de transição são muito mais diversificados e porque se traduzem em novas práticas sociais com particular relevo para o espaço-tempo noite.

Espinasse e Buhagiar (2004) constataram que a noite exerce uma grande atracção sobre os jovens, por vezes mesmo muito jovens, mas é um espaço-tempo também muito importante para os celibatários, os reformados jovens e os turistas. Os inquéritos realizados no projecto NOITE confirmam esta tendência em Portugal: as pessoas que declaram sair com maior frequência à noite para se divertir são os mais jovens e os adultos jovens sem constrangimentos familiares. Em contrapartida os que declaram sair com maior frequência à noite por motivos de trabalho são adultos até aos 40 anos. Os adultos já sem

constrangimentos associados à vida familiar com filhos pequenos acabam por relevar maior tendência para sair à noite, mas por motivos de lazer.

Se a infância/juventude continua marcada pelo tempo da escola, o tempo da aprendizagem já não se confina apenas a este período da vida. Vivemos numa sociedade que consagra cada vez mais a formação ao longo da vida, contínua e permanente, o que leva a haver cada vez mais pessoas a estudar à noite. O tempo de trabalho, começa cada vez mais tarde, porque a formação inicial se prolonga à medida que são solicitados níveis de instrução mais elevados. A passagem para a idade adulta estende-se no tempo e a idade de ingresso no primeiro emprego torna-se muito diversificada. Os jovens e os adultos jovens (que se prolongam até idades cada vez mais avançadas) são os “públicos” mais frequentes nas actividades associadas ao tempo livre nocturno.

O crescimento do número de pessoas sozinhas, sem constrangimentos de horários familiares, ou o facto de as pessoas assumirem compromissos familiares cada vez mais tarde, permanecerem mais tempo em casa dos pais, livres dos encargos, estimulam a procura de actividades de serviços utilizadas, sobretudo, à noite. Os adultos jovens com emprego e sem constrangimentos familiares, quer em termos de tempo, quer em termos económicos, são os principais consumidores das actividades económicas associadas à noite.

A vida profissional perde a uniformidade do passado à medida que se sucedem os ciclos de desemprego, o aumento da precariedade do trabalho e as mudanças nos saberes que obrigam a novos ciclos de formação e aprendizagem. A formação e qualificação profissional e escolar ao longo da vida promovem o desenvolvimento de actividades em horários cada vez menos convencionais, em particular à noite. Os períodos de desemprego e a precariedade das relações de trabalho contribuem para a mobilidade espacial e social em busca de novas saídas profissionais e incentivam a aceitação de horários atípicos de trabalho como à noite e aos fim-de-semana. O trabalhar à noite não pode ser apenas visto como um sinal de modernidade, mas também como uma saída num contexto em que o desemprego aumenta e as oportunidades de trabalho diminuem, trabalhar à noite pode ser a única possibilidade de ter emprego.

A passagem para a reforma faz-se de uma forma cada vez menos uniforme, com diferenças na idade, no tempo de actividade e nos modos de cessação que podem ser graduais ou repentinos. O número de pessoas activas entre os 55 e os 70 anos tende a aumentar na maior parte dos países europeus, pois os sistemas dificultam cada vez mais a passagem para a reforma devido aos custos de manutenção da segurança social. As transformações em termos de usos do tempo e do espaço são muitas e variadas. A entrada na reforma em idades menos avançadas cria um mercado para serviços como as viagens, o lazer, as práticas desportivas e culturais. Sem a imposição dos ritmos de trabalho, os reformados mais jovens adquirem novos hábitos de uso do tempo que os tornam consumidores de serviços à noite pois podem deitar-se mais tarde (ESPINASSE; BUHAGIAR, 2004). Em contrapartida, o prolongamento da actividade profissional até idades mais avançadas tem como consequência a perda deste estímulo ao mercado económico e o crescimento da procura de serviços de cariz social, como os serviços de saúde e de apoio à terceira idade. Nos inquéritos que realizámos encontramos este grupo etário com grande frequência quer em festas tradicionais, quer como consumidores de serviços culturais.

A noite é um espaço-tempo muito relevante para os idosos. À medida que envelhecemos dormimos cada vez menos horas e como hoje vivemos até muito mais tarde, a noite dos idosos requer um tratamento especial. Não apenas por uma questão de segurança, mas através da prestação de serviços de apoio. Durante a noite os idosos são grandes consumidores de programas de rádio e de televisão, mas é raro haver programas específicos dirigidos para este grupo etário. A noite acentua a solidão e agrava os problemas de saúde, por isso há toda uma gama de serviços de proximidade que devem ser desenvolvidos. O

envelhecimento da população obriga a que os cuidados de saúde e os serviços de apoio sejam cada vez mais prolongados no tempo, pela maior longevidade das pessoas, mas também pelo facto de o número de idosos a viverem sozinhos ser cada vez maior. O desenvolvimento de redes de serviços sociais de proximidade, para actuarem predominantemente de noite, é uma medida fundamental para a promoção da qualidade de vida. Para Espinasse e Buhagiar (2004) os idosos eram os principais excluídos da noite. Nos inquéritos que realizámos em eventos nocturnos são o grupo mais sub-representado.

As crianças são outro dos grupos excluídos da noite, mas os dados sobre o uso do tempo demonstram que, hoje, as crianças têm a maior parcela do tempo livre concentrada à noite e permanecem acordadas até tarde, mas a ver televisão (LOPES; COELHO, 2002). Nos anos 50 e 60, quando a televisão não imperava na ocupação dos tempos livres em Portugal, era frequente, nas noites mais amenas, as pessoas encontrarem-se nos espaços públicos depois do jantar. As crianças brincavam, os adultos conversavam ou participavam nos jogos e brincadeiras. O convívio intergeracional era estimulador das relações pessoais e um meio de desenvolver competências sociais. O planeamento do território pode promover estas práticas através da criação e manutenção de espaços públicos, particularmente os de proximidade que estimulem uma ocupação do tempo livre mais participada colectivamente. Nos inquéritos realizados à noite a presença de crianças ocorria apenas nas actividades como as festas populares em que acompanhavam a família.

4 COMPORTAMENTOS CADA VEZ MAIS INDIVIDUALIZADOS

As mudanças nos modos de vida que geram comportamentos cada vez mais individualizados estão, segundo Herve (2001), associadas: ao desaparecimento da sociedade industrial taylorista com os seus ritmos massificados e estandardizados; ao declínio da importância dos modos de produção sobre o comportamento; à importância do tempo fora do trabalho; ao recuo da pertença a religiões, sindicatos ou grupos políticos; ao deslocamento dos centros de interesse políticos; a uma melhor qualificação profissional; à desestandardização do consumo; a uma maior diversidade das ofertas culturais; ao crescimento da permissividade de valores (em relação à família, à sexualidade, à religião). O ideal de vida para ser feliz no começo do século XXI era viver longe do centro da cidade e ter um automóvel.

Este movimento traduziu-se na procura crescente de casas individuais, promoveu a dispersão da habitação e contribuiu ainda mais para a diversificação dos comportamentos individuais e a dessincronização dos tempos sociais. Num inquérito realizado no Canadá este estilo de vida aparecia associado à necessidade de trabalhar mais tempo para dispor de meios financeiros para fazer face ao crescimento dos encargos: habitação individual era mais cara; necessidade de ter um veículo para cada membro da família (GWIAZDZINSKI, 2007). Os horários de trabalho tornavam-se mais longos, avançando pela noite, e o tempo de trabalho no domicílio também aumentava, o que gerava novos usos do tempo e do espaço, confundindo os lugares sociais.

Os comportamentos mais individualizados parecem, contudo, abrir perspectivas ao aumento da procura para actividades que promovem a socialização, como os bares e a restauração (encontros ao fim do dia de trabalho para conversar e tomar uma bebida ou uma refeição; sair à noite para encontrar os amigos), a valorização cultural, como os espectáculos ou as exposições de arte ou cultura (as sessões mais concorridas dos cinemas são à noite; os horários dos espectáculos de música ou de teatro raramente são diurnos) e a prática desportiva (cada vez menos em actividades de grupo; aumento das sessões personalizadas ou pelo menos individualizadas porque os horários são muito mais facilmente articuláveis com as limitações impostas pelos tempos de trabalho; mesmo as crianças praticam desporto sobretudo ao fim do dia, início da noite) (ALVES, 2005).

A vida colectiva está a mudar de sentido, a adquirir valores diferentes dos do passado. À crescente individualização da esfera privada, e dos seus espaços, está a corresponder uma crescente procura da esfera pública e dos seus espaços para criar laços, relações e pertenças. Nunca tantas pessoas se mobilizaram em função de novas solidariedades, nunca a economia solidária foi tão activa, os indicadores mostram que a vida associativa é cada vez mais diversificada nas formas e nos modos de actuar, na realidade a vida colectiva ganhou novas esferas de actuação adequando-se às mudanças sociais. E o espaço-tempo noite parece ser o espaço-tempo por excelência destas novas práticas sociais.

4.1 Novos valores e níveis de instrução mais elevados

A redução da importância da religião teve como consequência a liberalização de costumes e práticas sociais, permitindo a afirmação de valores que facilitaram o trabalho ao domingo e nos dias “santos”.

O trabalho nocturno deixou de ter uma carga pejorativa e passou a ser socialmente aceite, nomeadamente o trabalho das mulheres. Quando em França as mulheres puderam passar a trabalhar à noite, a discussão era se tal devia ser entendido como um sinal de liberdade, ou mais um constrangimento (GWIAZDZINSKI, 2003). De qualquer forma, a lei francesa consagrou que uma mulher pode recusar o trabalho de noite se tiver a seu cargo a educação de crianças. Facto que não pode ser invocado por um homem.

Os níveis de instrução mais elevados contribuem, por um lado, para uma mudança nos tipos de trabalho e, por outro, para mudanças nos valores e comportamentos. O crescimento de qualificação do emprego corresponde à predominância das actividades nos serviços e favorece a diversidade de horários, o avanço do trabalho em horas menos convencionais e a aceitação de ritmos de vida mais dessincronizados. O que pode ser um estímulo ao consumo de novos serviços que compensem a falta de tempo para a execução de tarefas na esfera doméstica, como acontece com a externalização de funções como a preparação de refeições, a limpeza ou o tratamento da roupa (ALVES, 2005). Se nuns casos podem traduzir-se na contratação de serviços domésticos que serão prestados no domicílio, noutros estimulam consumos fora do agregado doméstico em horários cada vez mais irregulares, promovendo o surgimento de novas actividades e empresas (ALVES, 2005).

4.2 Valorização das práticas culturais e desportivas relacionadas com o tempo livre

O aumento da intensidade do trabalho, decorrente do desenvolvimento de uma sociedade de serviços, e os níveis de instrução mais elevados, que contribuem para novos valores e melhores remunerações, promovem a valorização das práticas culturais e desportivas relacionadas com o tempo livre que, socialmente, deixaram de ser vistas como uma perda de tempo e passaram a constituir-se como uma mais-valia na formação dos indivíduos e um sinal de qualidade de vida. Como a maior disponibilidade de tempo livre ocorre, precisamente, à noite esta mudança vai afectar o uso dos territórios durante esse período.

As actividades que articulam a economia do espectáculo e o enriquecimento cultural, como o teatro, o cinema, a ópera, a música e toda uma variedade de outros espectáculos ocorrem, sobretudo, à noite, provocando dinâmicas nos territórios relacionados quer com os fluxos dos espectadores, como também com o trabalho que induzem. A localização destes equipamentos é determinante para a dinâmica dos territórios à noite. Nas principais cidades em Portugal duas tendências contraditórias persistem: por um lado, a concentração dos equipamentos mais antigos, ligados a formas mais elitistas de espectáculos, ficam no centro das cidades e para funcionarem com níveis aceitáveis de afluência de público têm de atrair os residentes das periferias; por outro lado, o desenvolvimento dos espaços, onde se associam

cinema, restauração e comércio localizados nas periferias. Em qualquer das situações a acessibilidade está dependente da capacidade de mobilidade associada ao transporte individual privado.

A abertura nocturna de museus, centros de exposição ou galerias de arte ocorre, em geral, pontualmente, num dia específico da semana ou por ocasião de um dado evento. Em Lisboa, por exemplo, a abertura do Museu do Oriente até às 22 h de sexta-feira teve como reflexo que outros espaços passassem a ter também um dia de abertura até mais tarde. Durante o verão inúmeras instituições promovem a abertura à noite, reproduzindo pelo menos 1 dia por semana o evento mundial que ocorre em Maio em torno do dia Mundial dos Museus. Assim, a conciliação de horários possibilita a abertura destas actividades culturais a um público muito mais vasto.

Por fim, as actividades ligadas às práticas desportivas que, para poderem ter horários compatíveis com os outros usos do tempo, nomeadamente com as horas de trabalho e de escola, têm de ser realizadas em horários muito tardios. Os pavilhões gimnodesportivos, as piscinas, os complexos de campos de jogos têm os seus picos de utilização após as 18h e prolongam as actividades pela noite dentro.

5 A UTILIZAÇÃO DAS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

A utilização das novas tecnologias de informação e comunicação reduz as distâncias e muda as noções de lugar, de tempo e de horário. Sem sair de casa temos à nossa disposição um sem fim de serviços, de bens, de informações que modificam as nossas práticas e comportamentos. Através das novas tecnologias de informação e comunicação podemos dar ordens de compra e venda, aceder a serviços, alterar radicalmente a nossa vida doméstica, organizar as nossas deslocações, modificar as nossas práticas culturais e os nossos comportamentos sociais e pessoais, a qualquer hora, de dia, mas sobretudo de noite.

As novas tecnologias de informação e comunicação criam continuidades entre tempo de trabalho e tempo livre, entre espaço privado e espaço público. As fronteiras são cada vez mais fluidas e as consequências são evidentes em termos de confusão do uso do tempo e mesmo do espaço. As novas tecnologias de comunicação que permitem obter tudo e a toda a hora, segundo imperativos individuais, podem criar tensões porque a vida social raramente está modelada segundo essa lógica.

Em Portugal, de acordo com o INE, as pessoas que dispõem de acesso à Internet já passam mais tempo em frente dos computadores do que a ver televisão. No Reino Unido o uso do tempo dos utilizadores de computadores é significativamente diferente do dos outros indivíduos. Os 120 minutos, de média diária, dedicados aos computadores significam menos tempo nos trabalhos domésticos, na vida social e no tempo livre. E significa menos tempo passado nos espaços públicos.

5.1 Desenvolvimento de modos de vida cada vez mais urbanos

O desenvolvimento de modos de vida cada vez mais urbanos reduzem a separação entre dia e noite, entre as estações do ano, e promovem o funcionamento da economia e da sociedade 24h / 7 dias (Gwiazdzinski 2007). No passado, o mundo urbano distinguia-se do rural pelo desaparecimento dos ciclos de carácter natural e pela implementação de ambientes artificiais, que recriavam a noite ou o dia, o verão ou o inverno. Mas o mundo rural transformou-se cada vez mais pela adopção de estilos de vida que pouco ou nada se distinguem do das áreas urbanas. Hoje, nas áreas rurais a maior parte da população trabalha nos serviços e os ritmos de vida, os seus percursos, o uso que fazem do espaço são cada vez mais ditados pelos horários de trabalho e pelos tipos de consumo iguais aos dos espaços

urbanos. À noite o tempo livre é passado em frentes dos televisores, tal como nas grandes cidades.

A incorporação na esfera da produção e do consumo do espaço-tempo noite traduz-se não só no alargamento de horários de trabalho de actividades diurnas, como também no surgimento de novas actividades para responder a novas necessidades de procura. Os novos contextos de uso do tempo e do espaço traduzem-se em novos tipos de práticas sociais, o que conduz as mudanças na procura e na oferta das actividades de serviços que se desenrolam predominantemente de noite. As diferenças nas dinâmicas de desenvolvimento dos territórios – novos ritmos, novas práticas, novas actividades, outras culturas, outras pessoas - vão condicionar o território em que vamos viver quando o sol nasce. Porque a noite não é um espaço igual ao dia, as necessidades de gestão dos territórios são diferentes, torna-se portanto necessário desenvolver processos e instrumentos de planeamento que permitam implementar acções para que os territórios possam ser vividos com qualidade e de uma forma sustentável quer de dia, quer de noite.

6 NOITE E INSTRUMENTOS DE GESTÃO DO TERRITÓRIO

Os territórios à noite raramente são tema para os políticos, os técnicos de planeamento das autarquias ou para a investigação científica (GWIAZDZINSKI, 2005). No Programa Nacional de Política de Ordenamento do Território, aprovado em Portugal em 2006, não há qualquer referência específica a políticas de ordenamento do território à noite ou à necessidade de promover a qualidade do céu. Nos documentos de política urbana ao nível local podem surgir referências à promoção da vida nocturna em determinados pontos da cidade, aos problemas da segurança ou do barulho, a planos de iluminação pública, mas uma reflexão profunda sobre a prospectiva e o ordenamento do território à noite estão quase sempre ausentes.

Il est temps d'anticiper le développement prévisible des activités nocturnes pour réfléchir à un aménagement global de la ville 24/24. Chercheurs, pouvoirs publics et citoyens doivent investir cet espace-temps afin d'anticiper les conflits entre individus, groupes ou quartiers et imaginer ensemble les contours d'une nouvelle urbanité. (GWIAZDZINSKI, 1998, p. 368).

No passado, eram apenas as unidades industriais que tinham horários nocturnos, hoje, quase todas as actividades têm horários de trabalho de noite. As rádios, as televisões, os transportes, os serviços, o comércio, os distribuidores automáticos e as lojas de conveniência implantam-se por todo o lado, funcionam 24h sobre 24h, permitindo o consumo permanente. Um lugar é eleito como local de férias ou dos momentos de lazer, em função da animação da noite (QUEIGE 2005; ALVES, 2008; ALVES; FERREIRA, 2009).

A noite já não é só o espaço-tempo de vida de grupos sociais marginais, os noctívagos. E os políticos já se aperceberam disso. A importância política da noite reflecte-se nas apostas estratégicas da sua vivificação. Podem ser iniciativas de animação, como as festas das cidades, ou programas de regeneração urbana baseados no estímulo das actividades económicas, essencialmente nocturnas, como acontece frequentemente no centro das principais cidades europeias (O'CONNOR 1997; PAIN 2008).

Em Lisboa quando se pensou num espaço como a EXPO98/Parque das Nações planeou-se de raiz um território para ser vivido quer durante o dia, quer durante a noite. O Pavilhão Atlântico, a Feira Internacional de Lisboa, o Teatro Camões, o centro comercial ou o Casino de Lisboa são equipamentos e serviços com picos de utilização à noite. Ao mesmo tempo, a qualidade da iluminação dos espaços públicos torna o espaço convivial e estimula a

deambulação nocturna, contribuindo para a dinamização do consumo nos bares e restaurantes. Até a estação do Oriente é muito mais bonita à noite... Mas, nos últimos tempos, a ausência de estratégias concertadas por parte das empresas e a redução da capacidade de consumo, está a afectar o espaço. A baixa densidade da ocupação que resulta da fraca atracção de utentes durante a maior parte da semana cria insegurança e contribui para uma imagem que está a tornar-se mais negativa.

De acordo com Gwiazdzinski (2003) estamos a assistir ao surgimento de novas configurações de cidade “em contínuo” (arquipélago, global, festivas...), habitada por múltiplas tribos (cidadãos, trabalhadores, excluídos...), entre as quais surgem tensões, por vezes conflitos territorializados. Para Gwiazdzinski (2005) em termos de evolução do espaço-tempo associado à noite urbana existem quatro cenários possíveis: i. banalização - as actividades de dia não diferem das da noite, e esta deixa de ter qualquer especificidade; ii. autonomização (separação ao nível político) - umas áreas da cidade são para ser vividas de dia e outras de noite; iii. explosão - conflito permanente entre as actividades e as pessoas que habitam o dia e a noite; iv. harmonização - conciliação entre as actividades e as pessoas que habitam o dia e a noite, numa perspectiva de complementaridade. Neste último cenário a noite surge como um sistema de espaço-tempo completo e equilibrado, assegurando todas as funções sociais e económicas, onde as pessoas podem estar continuamente no espaço e o direito ao território é uma realidade. A noite afirma-se como espaço de projectos, lugar de invenção duma nova urbanidade e estimuladora da investigação. Para Gwiazdzinski (2005) este é o único cenário capaz de restituir o direito à cidade nocturna, de reconstruir um sistema de funções urbanas completo e de desenvolver a noite de uma forma sustentável e durável. Os elementos que constituem as bases do planeamento urbano deveriam incluir um “esquema de ordenamento da cidade à noite”. Este esquema deveria ser constituído por cartas que mostrassem as actividades económicas e sociais que funcionam durante a noite, por planos de luz (iluminação funcional, simbólica e cinética) e por planos de animação cultural e artística da noite.

As políticas urbanas deveriam incorporar a noção de gestão do tempo a que seriam associados horários de funcionamento diversificados para que o sentimento de insegurança diminuísse, para que as paisagens nocturnas se transformassem e as actividades económicas e sociais se desenvolvessem (BONFIGLIOLI, 1997; DATAR 2002). Com sistemas de transportes que funcionassem ao longo de toda a noite, a mobilidade poderia basear-se em transportes colectivos e contrariar a crescente utilização de meios de transportes privados e individuais. A opção entre transporte colectivo ou privado é quase sempre uma questão de gestão de tempo.

Já nos anos 60 Jane Jacobs (1961) alertou para a morte das cidades se as pessoas não vivessem os espaços públicos. Com horários mais diversificados e melhores sistemas de mobilidade as ruas tenderiam a ter mais pessoas, durante mais tempo. Mais confiantes, as pessoas estariam mais disponíveis para socializar nos espaços públicos. Como à noite as pessoas estão menos apressadas, têm mais tempo, este seria por excelência o momento mais propício ao convívio e aos encontros, ao conhecimento do outro tão necessário para um desenvolvimento social menos tenso e mais equilibrado.

Outro dos domínios centrais das políticas com incidência territorial e com ênfase no espaço-tempo noite é a questão da iluminação pública. Apesar de nenhum estudo empírico demonstrar que existe uma relação forte entre segurança e iluminação, a maior parte das decisões sobre a colocação de luz no espaço público tem por base este pressuposto. As políticas de iluminação pública começam por se centrar na questão do dar visibilidade aos objectos mas, rapidamente, evoluíram para o dar sentido, dar valores, nomeadamente estéticos, aos territórios. Hoje, as políticas de iluminação pública têm de incorporar a noção de eficiência energética. Num momento em que a resolução dos problemas associados às alterações climáticas estão claramente dependentes das soluções a implementar em áreas

como a produção de energia e as emissões de gases com efeitos de estufa, a gestão dos sistemas da iluminação pública assumem um papel fundamental. O consumo de energia pelos Municípios, em Portugal, representa cerca de 14% do total (www.dgge.pt). Uma parte significativa é iluminação pública. As acções de racionalização neste domínio podem ter um impacto muito relevante na diminuição da necessidade de produção de energia e na redução das emissões poluentes.

As políticas relacionadas com a segurança à noite, começaram por ser uma preocupação que afectava apenas alguns países e, dentro destes, apenas algumas cidades mas, nos últimos anos, globalizou-se “the moral and material geographies of fear are simultaneously about the ordinary geographies of everyday life and about the extraordinary geopolitics of the twenty-first century” (PAIN; SMITH, 2008). A questão fundamental é perceber os processos que se encontram por detrás da globalização dos medos, nomeadamente o modo como estes são utilizados ao nível local, para controlar, criar medidas de excepção, e investir em sistemas de policiamento, nomeadamente de empresas privadas, e em equipamentos de video-vigilância.

As políticas culturais também podem intervir a vários níveis nos territórios à noite. A animação dos espaços públicos pode decorrer de decisões relacionadas quer com a promoção da diversidade de horários dos equipamentos culturais, quer com o desenvolvimento de programas e eventos que ocorram predominantemente à noite.

A muito curto prazo outras temáticas deverão ser tidas em conta, como é o caso das mudanças nas políticas urbanas e no desenho do espaço público decorrentes do crescimento do número de veículos movidos a electricidade. O facto de estes veículos necessitarem de pontos de acesso a energia para carregar as baterias, vai obrigar a que o espaço público tenha de ser repensado, de forma a possibilitar a sua instalação e utilização com segurança. O planeamento da cidade à noite terá de ser tido em conta pois será neste espaço-tempo que decorrerá, na maior parte das situações, o período de carregamento das baterias.

6.1 Políticas relacionadas com a gestão do tempo

As políticas relacionadas com a gestão do tempo podem interferir com os usos do espaço à noite de diferentes formas: i. pela definição de horários das actividades económicas e dos serviços sociais que se prolongam pela noite; ii. pela alteração dos usos do tempo, por exemplo, poupar tempo nos processos de mobilidade ou aceder mais facilmente a bens e serviços, permitem aumentar o tempo livre; como o tempo livre tem maior expressão nos horários nocturnos, dispor de mais tempo livre pode traduzir-se em novas práticas que se relacionem directamente com usos dos territórios à noite; iii. ao intervir nos usos do tempo das mulheres, as políticas de tempo urbano podem contribuir para que as práticas sociais no espaço-tempo noite sejam menos segregadoras em termos de género (ALVES, 2009).

Em Portugal, a gestão do tempo surge nas posturas municipais que estabelecem os horários de abertura e encerramentos das actividades económicas, que limitam a circulação de veículos em determinadas horas, devido ao ruído ou aos problemas de congestionamento de tráfego, afectando a dinâmica dos territórios. Há muito que se discute a hipótese de serem as autarquias locais a definir horários de serviços públicos, como as escolas ou os centros de saúde. Tanto mais que os horários de funcionamento de determinados serviços são fonte de conflito entre autarquias locais e administração central, como acontece frequentemente quando esta determina o encerramento à noite de uma unidade de saúde ou de uma escola.

Há vários anos surgiram os Bancos de Tempo, uma rede de infra-estruturas de apoio social baseada na gestão do tempo para troca de serviços (<http://www.graal.org.pt>).

O desenvolvimento em Portugal é uma iniciativa do Graal - uma associação internacional de mulheres, em vários casos em articulação com autarquias locais, noutros com

instituições ligadas à igreja católica. Na génese são iniciativas muito semelhantes às que nos anos 70 se desenvolveram em Itália e que estão na origem das políticas de tempo que hoje existem na Europa. Existem, em Portugal, dezasseis agências espalhadas pelo continente e ilhas com “clientes” entre os 12 e os 92 anos, das quais 70% são mulheres. As actividades desenvolvidas são muito heterogéneas: acompanhamento de crianças; actividades recreativas; ajuda doméstica; tomar conta de animais e plantas; bricolage e pequenas reparações; fazer companhia; cozinhar; fazer arranjos de costura; ensinar e estudar; ajudar na burocracia. O maior problema decorre do facto de estar a ser mais fácil mobilizar as pessoas que têm algo para dar do que as pessoas que necessitam de receber, havendo situações em que os bancos acabam mesmo por paralisar por falta de quem utilize os serviços (<http://www.graal.org.pt>).

O desenvolvimento da prestação de serviços *on-line* é um dos processos com mais impactos na questão da gestão do tempo e com reflexos evidentes nas dinâmicas territoriais. Depois da instalação das infra-estruturas e dos sistemas informáticos, o problema centrou-se no desenvolvimento de conteúdos destinados a resolver problemas do dia-a-dia, como adquirir bens ou serviços, resolver problemas burocráticos, obter informações, fazer pagamentos ou dar ordens a instituições, aceder a espectáculos e as actividades de lazer... As consequências traduzem-se em melhorias pela diminuição das necessidades de mobilidade e por uma gestão do tempo mais personalizada. O facto de estes serviços serem acessíveis 24 horas por dia permite decidir sobre o momento em que queremos/podemos aceder sem as limitações dos horários tradicionais.

6.2 Políticas de iluminação em espaços públicos

As decisões em termos de iluminação nos espaços públicos abordam questões que vão muito para além do dar visibilidade aos objectos (MAJOR, 2003; NARBONI, 2003a; MASBOUNGI, 2003). A luz urbana deixou de se limitar aos domínios do património construído e passou a abarcar novos espaços, nomeadamente as grandes paisagens, como aconteceu com o projecto do Ruhrgebiet, na Alemanha (ALVES, 2004b). Surge, ao mesmo tempo, uma reflexão prospectiva sobre o papel que a luz deve ter na imagem, na paisagem e na ambiência nocturna das cidades. A luz pode conferir sentido a um lugar, dar-lhe um novo valor de uso. As mudanças de filosofia na iluminação acompanharam as mudanças do discurso urbano. Para Laurant Fachard (2003) estas mudanças resultaram do facto de se ter passado a considerar a arquitectura e os espaços públicos como veiculadores de sentido, de valores, nomeadamente estéticos. Assistiu-se, assim, a uma reorientação das intervenções de luz no sentido de as colocar ao serviço das pessoas, revelando presenças, magnificando espaços, formas e materiais, mas permitindo uma apreensão multivariada dos lugares e dos eventos que aí se desenrolam (MASBOUNGI, 2003). A luz passou a desempenhar novos papéis pois pode contribuir, de uma forma decisiva, para a criação de laços de identidade entre as pessoas e os lugares onde habitam. Para Laurent Fachard a iluminação deveria deixar de ser pública para se tornar cidadã, porque a iluminação é, sem dúvida, uma das grandes conquistas sociais do século XX. Nas políticas urbanas as decisões sobre a iluminação são um processo sempre presente, mas poucas vezes nos inquéritos realizados junto das autarquias locais em Portugal verificámos uma verdadeira percepção das implicações dessas decisões em termos territoriais. Em simultâneo com este processo de afirmação da iluminação, assistimos a uma tomada de consciência ecológica sobre o desperdício de energia que ocorre na larga maioria das iniciativas relacionadas com a luz - devido à poluição luminosa os EUA enviam para o céu 110 milhões de dólares por ano (FACHARD, 2003); a mancha luminosa emitida por Lisboa é superior à de Madrid, devido ao ineficiente uso da luz. Esta tendência, ao chamar a atenção para o desperdício de energia, veio reorientar o planeamento da luz no sentido da redescoberta da noite e da obscuridade. Isto não significa um retrocesso da importância da

iluminação, mas pelo contrário o reafirmar do poder simbólico que pode estar subjacente a intervenções de luz. Toma-se consciência que a luz só é espectacular se emanar da escuridão, para tal torna-se necessário revalorizar o contraste entre luz e sombra. Dominar a luz abre a possibilidade à descoberta de novas paisagens sonoras, olfactivas, mas, também, visuais, nomeadamente as decorrentes da luz artificial, ou as que resultam da luz natural do céu nocturno (lunar e estrelas), dos vulcões e das trovoadas. Os principais planos de ordenamento da luz tornaram-se em planos de obscuridade (NARBONI, 2003a).

Nos últimos anos, o tema "luz" passou a ser preocupação no planeamento urbano como forma de criar uma imagem de marca da cidade. Paris foi a primeira a ter esta associação - *Paris Cidade Luz*. Tal ficou a dever-se ao facto de ter sido na Exposição Mundial de Paris de 1900 que, pela primeira vez, a luz surgiu associada ao lazer, à criação de prazer e de bem-estar (NARBONI, 2003a), à possibilidade de uma apropriação nocturna da cidade por todas as pessoas. A imagem mais difundida de Nova York é a do *skyline* formado pela silhueta dos arranha-céus iluminados por milhões de pontinhos luz que são as janelas. Tóquio ou Xangai afirmam-se pela exuberância da imagem dos anúncios luminosos que animam as principais avenidas. No *marketing* das cidades uma boa imagem nocturna é um trunfo que ajuda a consolidar a diferenciação.

Alguns municípios, em Portugal, procuraram desenvolver planos-luz para o seu território ou, pelo menos, para as principais concentrações urbanas. Estes planos estabelecem, em linhas gerais, a diferenciação e a hierarquia das intensidades luminosas em termos funcionais e da importância dos símbolos a iluminar. A tendência é, todavia, para a uniformização das soluções, esquecendo a valorização das especificidades e das dinâmicas de cada lugar. Na iluminação dos monumentos é bem patente este processo, a utilização de lâmpadas semelhantes fazem com que todos os castelos, todas as catedrais, todos os edifícios relevantes sejam profusamente iluminados, com luzes mais ou menos amarelas, mas sempre com uma intensidade exagerada que esmaga as formas e não revela a diversidade dos materiais. Os melhores exemplos de aplicação de planos-luz são os centros históricos de Évora e de Bragança (ALVES, 2009) onde se respeitou e valorizou a diversidade dos elementos urbanos.

6.3 Políticas relacionadas com a animação cultural

No âmbito das políticas culturais o espaço-tempo noite devia ter um tratamento específico pois muitas das actividades promovidas por estas têm expressão significativa neste espaço-tempo. As políticas culturais podem intervir a vários níveis, mas destacaremos duas vertentes: os horários dos equipamentos culturais e a promoção de actividades de animação em espaços públicos à noite (ALVES, 2009).

Quanto aos horários verificamos que o facto dos horários dos museus, galerias, centros de exposições coincidirem com os momentos em que a maior parte das pessoas estão a trabalhar impede que a generalidade das pessoas os frequente, traduzindo-se no afastamento das pessoas. A criação de sistemas como o prolongamento da abertura até mais tarde um dia por semana ou por ocasião de determinados eventos tem conduzido a ganhos significativos de público, com os consequentes efeitos sociais e económicos.

No Porto, Serralves em Festa, 40 horas non-stop, teve o seu momento mais alto, em 2007, com as 15 mil pessoas que por lá passaram durante a noite. Nos anos que se seguiram a tendência manteve-se.

Na noite de inauguração do Museu Berardo, em 2007, entre as 23 e as 9 horas da manhã, passaram pelo Centro Cultural de Belém 10 mil pessoas. Na noite do aniversário da abertura ao público da colecção Berardo o CCB mantém a tradição de estar toda a noite de

portas abertas criando um evento que já constitui um ritual no calendário da vida nocturna de Lisboa.

A retrospectiva sobre a obra de Amadeu de Sousa Cardoso, na Fundação Calouste Gulbenkian, em 2006-2007, teve mais de 100 mil visitantes, muitos dos quais nos últimos 3 dias em que a exposição esteve aberta continuamente, 24/24 horas.

O Museu do Oriente e o CCB, em Lisboa, foram os primeiros equipamentos culturais a encerrar às 22 h um dia por semana. Depois vários espaços culturais seguiram o exemplo, por exemplo a Casa das Histórias em Cascais tem um horário permanente, todos os dias, entre as 10-22h.

As actividades de animação em espaços públicos à noite são factores decisivos na vida de muitas cidades e outras aglomerações à noite (ALVES; FERREIRA, 2009). Em Portugal quase todos os municípios se preocupam em organizar pelo menos num período do ano as festas locais. No início eram apenas espectáculos de música ligeira, mas com o tempo, alguns concelhos passaram a associar mostras de produtos regionais, actividades de índole cultural, actividades lúdicas e desportivas. O momento alto é quase sempre à noite, pois é nesse espaço de tempo que as pessoas têm tempo livre e disponibilidade para participar (ALVES, 2009).

Na organização de eventos desportivos para além das tradicionais S. Silvestre, corridas sempre à noite, mesmo que não seja no último dia do ano, assistimos à organização de corridas nocturnas em sítios como Lisboa, Oeiras e Peniche. O objectivo é tirar partido da disponibilidade de tempo dos que participam e dos que assistem, da menor pressão do tráfego na organização do circuito, mas também do cariz excepcional que é participar numa prova desportivo à noite.

7 INICIATIVAS E EXEMPLOS DE BOAS PRÁTICAS DE GESTÃO DO TERRITÓRIO À NOITE

Sigfried Giedon¹ em *Space, Time and Architecture* reflectiu sobre o espaço-tempo na arte, na arquitectura e no planeamento urbano e defendeu que as influências sociais, económicas e funcionais desempenhavam um papel fundamental em todas as actividades humanas, das ciências às artes, mas que existiam outros factores que deviam ser tidos em conta – os nossos sentimentos e as nossas emoções, porque sem eles a vida perderia equilíbrio. Para Sigfried Giedon a visão meramente funcionalista estava a conduzir o mundo por caminhos muito perigosos. Através da análise do trabalho de artistas plásticos e de arquitectos como Walter Gropius, Mies van der Rohe, Le Corbusier e Alvar Aalto procurou mostrar como a ligação entre arte e arquitectura e a incorporação de sentimentos e emoções se traduziram em obras que contribuíram para que a vida tivesse muito mais qualidade.

Os exemplos de iniciativas e boas práticas de gestão dos territórios à noite, que vamos apresentar neste ponto, centram-se precisamente num domínio cujo sucesso depende da ligação entre arte e técnica e que, quando aplicados nos espaços públicos, devem ter em conta as emoções e sentimentos que vão provocar (fascínio, pertença, repulsa...) ou controlar (fobias, medo e insegurança). Planos-luz, iluminação artística, eventos de arte da luz em espaços públicos, animação dos territórios à noite, requalificação urbana com base em investimentos em arte da luz são alguns dos exemplos de sucesso que contribuem para que possa haver vida com qualidade nos espaços públicos à noite e os territórios se tornem espaços de cidadania.

A luz artificial pode ser um instrumento de transformação dos territórios, contribuindo para a revitalização dos espaços públicos: intervindo na requalificação; criando ambientes

¹ Publicado pela primeira vez em alemão (1941) foi traduzido para inglês (1949) e, sucessivamente, publicado e actualizado em 1954, 1962, 1967 e 1969.

adequados à funcionalidade; regenerando e invertendo situações negativas; promovendo planos de iluminação para valorizar espaços em dificuldade; criando sentimentos de pertença, de conhecimento dos lugares, dando novos sentidos para a apropriação dos territórios; valorizando o património construído ou o património natural, criando novas percepções e construindo novas paisagens. As criações no domínio da arte da luz podem desempenhar um papel estratégico através de objectos de arte qualificadores dos espaços públicos ou promover territórios através de eventos de luz - *marketing* territorial – criando registos artísticos específicos, associando a arte e a cultura.

O trabalho com a luz tem a dupla qualidade do imediatismo e do custo, pois um efeito, uma dada imagem, pode ser obtida mais rapidamente e com menor custo do que uma intervenção sobre o material (MASBOUNGI, 2003). Uma arquitectura medíocre pode ser transformada através da luz, viabilizando um projecto inadequado. A luz facilmente pode ser utilizada para criar ambientes virtuais, e o espaço encenado, pode tomar o lugar do real, com o risco de destruir o espaço vivido. O objectivo é investir em acontecimentos/eventos e em sistemas de iluminação permanentes ou efémeros que levem as pessoas a redescobrir os espaços públicos, conferindo-lhes a qualidade de vida necessária para a sustentabilidade das cidades e dos territórios.

7.1 Nova Iorque: a noite como imagem de marca

Para Gandelsonas (2003) a noite nas cidades americanas é muito diferente das cidades europeias porque no essencial a iluminação pública depende da iniciativa privada. A iluminação é assegurada, de um modo geral, pelos anúncios e pelas actividades económicas, o que conduz a grandes disparidades entre as áreas comerciais muito iluminadas e áreas residenciais na mais completa penumbra. Linnaea Tillet² mostrou como o país mais rico do mundo é um dos mais pobres em termos de concepção de iluminação devido à ausência do papel de comando dos poderes públicos. Nos EUA as iniciativas de planeamento por parte dos poderes públicos são raras. No caso da iluminação a situação é ainda mais rara, sendo as paisagens nocturnas resultado, acima de tudo, da iniciativa privada.

No caso de Nova Iorque (Foto 1) os grandes arranha-céus mantêm as luzes acesas toda a noite, independentemente de haver pessoas ou não a trabalhar, criando uma ideia falsa de actividade 24/24 horas (ALVES, 2008). Ao nível pedonal há um contraste entre áreas muito iluminadas devido à profusão de sinais/anúncios luminosos e espaços comerciais e áreas quase sem iluminação. *Times Square* destaca-se por ser a área de Nova Iorque com maior aposta nos suportes iluminados, gerando uma poluição que pode ser vista a longa distância do espaço. Mas nem sempre foi assim.

Times Square transformou-se, de há uns anos a esta parte, num centro de lazer e comércio que funciona 24/24 horas, 7/7 dias, durante todo o ano. A profusão de cor e luz associada aos anúncios sempre caracterizou esta área da cidade mas, nos últimos tempos, houve uma aposta na mudança da imagem, transformando-a, por si só, num acontecimento. As fachadas dos edifícios deixaram de ser apenas suporte para os anúncios estáticos e as janelas até ao 5º ou 6º andar foram tapadas por ecrãs de pixéis onde através das mais modernas tecnologias se associam as características da televisão, do computador e do cinema (Gandelsonas 2003). Das fachadas, os peões e as pessoas dentro dos veículos são bombardeados com imagens como na TV, com notícias como nos media, mas exibidas em painéis que transformam as paredes dos edifícios em ecrãs gigantes de cinema. Quem pode parar e observar o que se passa naqueles ecrãs tem ciclos de 15 a 20 minutos sem que uma só

² Linnaea Tillet (2008) "The emotional city (New York)" Conference *Rencontres de la lumière*, Lyon.

imagem se repita, conferindo uma dinâmica, sem precedentes, à cidade. Em *Times Square* a paisagem urbana muda à velocidade das imagens (ALVES, 2008).



Foto 1 - Nova Iorque

Fonte: arquivo da autora

Times Square é um exemplo do modo como a iniciativa privada pode criar um evento baseado na animação urbana gerada pelo espectáculo das imagens e luzes em contínuo movimento, cujo consumo turístico é essencialmente nocturno (ALVES, 2008). A presença de cada vez mais pessoas nesta área levou a que muitos dos problemas de segurança se atenuassem pois deixou de ser sentir o efeito de segregação associado à presença de apenas alguns grupos sociais, como ainda acontecia no início dos anos 90. As autoridades da cidade ao aperceberem-se do efeito passaram a estimular a mudança incentivando-a e dando o exemplo (ALVES, 2008). Incentivaram a mudança através de legislação que facilita a instalação dos suportes com imagens em movimento. Deram o exemplo ao participar nas mudanças através dos próprios serviços públicos. Assim a entrada para o metropolitano, o departamento da Polícia de Nova Iorque ou centro de recrutamento do exército mudaram de imagem, instalando suportes luminosos que contribuem, ainda mais, para animar esta parte da cidade. Nova Iorque é o principal centro de atracção de turistas estrangeiros e nacionais nos EUA. A cidade atrai milhões de visitantes pelas características únicas da sua arquitectura e urbanismo, pela dinâmica da sua vida cultural e pelo ambiente urbano decorrente de ser uma cidade onde pode haver vida 24/24 horas, 7/7 dias durante todo o ano. Assim, não é de estranhar que uma das imagens de marca para a promoção turística seja cada vez mais o *skyline* dos arranha-céus iluminados por uma grelha de milhões de luzinhas que são as janelas.

7.2 Chicago: arte e regeneração urbana

A paisagem noturna de Chicago impressiona mais pela extensão das grandes vias de circulação pelos subúrbios do que pela exuberância da iluminação dos grandes arranha-céus do CBD (Fotos 2 e 3) . Mas só temos acesso a esta paisagem se se subir aos arranha-céus. A valorização turística deste “recurso” é feita através da criação de circuitos em que se pode visitar o topo dos edifícios, mas acima de tudo através da instalação de restaurantes e bares que obrigam ao consumo para poder desfrutar a paisagem.

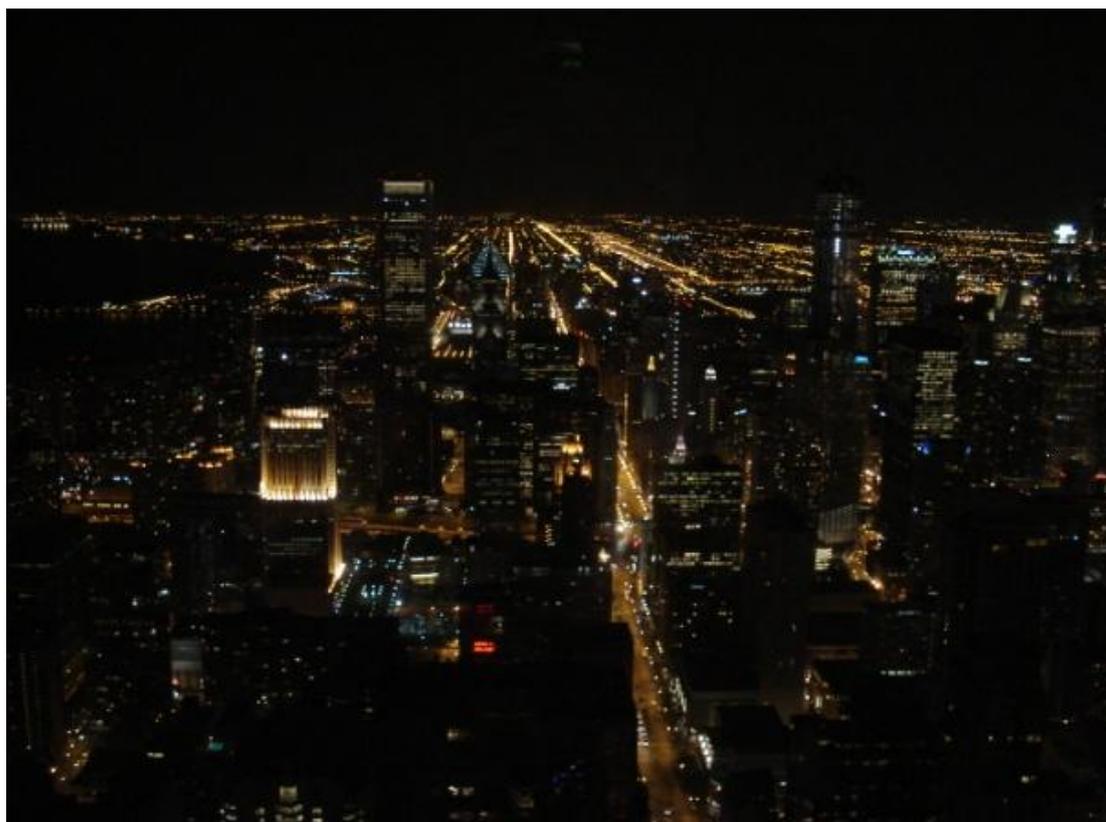


Foto 2 – Chicago em 2008

Fonte: arquivo da autora

Chicago é uma das cidades dos EUA com maior peso de negros e de católicos na população residente. Mas até agora nunca teve um mayor católico e apenas uma vez teve um mayor negro. Segundo Clark (2008) a gestão da cidade assente no clientelismo deixou de surtir efeito pois acarretava custos de ineficiência para o sistema e o actual mayor, no poder desde 1989, assumiu a partir de meados dos anos 90 que a renovação da cidade tinha de ter em conta a multiculturalidade, pelo que aumentou as medidas de tolerância para com diferentes grupos, e basear-se num maior investimento em cultura e amenidades.

O sucesso de uma exposição de Monet no Art Institute of Chicago “One hundred fifty-nine works from around the world were brought together for this once-in-a-lifetime show. The attendance was unparalleled. During its run from July 22 to November 26, 1995, advance admissions were completely sold out, leading to the surreal spectacle of tickets for an art exhibit being scalped as if it were the Super Bowl.” (<http://www.glyphs.com/art/monet/>) demonstrou que a imagem da cidade podia mudar. E que o investimento no bem público, as preocupações estéticas e a promoção do consumo podiam contribuir para mudar a visão da

cidade com altos níveis de criminalidade, cujas principais figuras públicas eram Lincoln e Al Capone.



Foto 3 – Chicago em 2008
Fonte: arquivo da autora

Nos últimos anos as autoridades da cidade envolveram-se num programa de regeneração do centro da cidade de modo a atrair população para aqui residir e trabalhar. Para além das iniciativas relativas à construção de novas habitações em lugares privilegiados como as margens do Lago Michigan e do rio Chicago, promoveram a instalação de novas empresas e a requalificação dos espaços públicos. Nos últimos 10 anos o centro de Chicago recuperou perto de 20 mil habitantes³. O programa de requalificação das margens do lago associou a renovação dos parques já existentes e a construção de novos, transformando a cidade numa das cidades com maior número de hectares de espaços verdes por habitante do mundo.

A construção de marinas e a transformação das margens do Lago Michigan assentaram na ideia de desenvolver uma cidade comprometida com a defesa do ambiente. Assim, uma das áreas privilegiadas foi o estímulo à circulação em transportes públicos e a utilização de meios de mobilidade não poluidores. Para tal apostou-se na construção de ciclo-vias que já atingem mais de 160km, 35 dos quais ao longo das margens do Lago.

A requalificação da cidade apostou em intervenções de arte nos espaços públicos com trabalhos de Anish Kapoor, Frank Ghery e Jaume Pensa no Millenium Park (Foto 4). E em obras emblemáticas como a nova ala do Chicago Art Institute (Foto 5), que abriu em 2009, com um edifício concebido por Renzo Piano.

³ Conferência no ACSP-AESOP 4th Joint Congress **Bridging the Divide: Celebrating the City** Chicago, Illinois, Julho.



Foto 4 – Trabalho de Anish Kapoor, Frank Ghery e Jaume Pensa no Millenium Park
Fonte: arquivo da autora



Foto 5 - Chicago Art Institute
Fonte: arquivo da autora

Anish Kapoor nasceu na Índia, mas estudou e trabalha em Londres. Considerado um dos mais importantes escultores da actualidade tem obras em muitas cidades, caracterizando-se sempre pela capacidade de interacção com os diferentes públicos. Cloud Gate (2004) é conhecido ao nível local por “bean” e é um dos elementos mais populares da paisagem urbana de Chicago. A forma e os materiais em que a peça foi realizada permitem múltiplas reflexões que funcionam como um jogo. O carácter lúdico da obra faz com que seja uma das grandes atracções da cidade, de dia e de noite (Fotos 6 e 7).



Foto 6 - Millennium Park
Fonte: arquivo da autora

O trabalho *Crown Fountain* de Jaume Plensa vive da projecção de imagens e de jogos de água. Nas duas colunas de vidro são projectados retratos de 80 pessoas de Chicago e imagens de ambientes naturais. A água que jorra das colunas cria um espaço que atrai durante o dia, no Verão, centenas de crianças e adultos que brincam, criando uma animação urbana muito intensa e participada. A riqueza do efeito cénico é ampliada pela noite e às imagens que se viam de dia acrescentam-se efeitos de luz que eram imperceptíveis com a luminosidade diurna. De noite, mais do que dia, a obra plástica afirma-se como um marco na vida da cidade.

Pritzker Pavilion (2004) de Frank Gehry funciona como um imenso palco para espectáculos no meio do Millennium Park (Fotos 8 e 9). Com as características curvilíneas das obras do autor é à noite, com a iluminação artística, que revela as formas mais ousadas e inovadoras. Pena é que o Parque encerre às 23h para que possam promover trabalhos de limpeza e de recuperação.



Foto 7 - Millenium Park
Fonte: arquivo da autora



Foto 8 - Pritzker Pavilion, Millenium Park
Fonte: arquivo da autora



Foto 9 - Pritzker Pavilion, Millenium Park
Fonte: arquivo da autora

A eleição de Barack Obama para presidente dos EUA e a candidatura aos Jogos Olímpicos de Verão e aos Jogos Para-Olímpicos de 2016 representaram o início de um novo ciclo na vida de Chicago.

7.3 Xangai: planejar os territórios à noite depende da conciliação entre iniciativas privadas e públicas

Xangai era conhecida, nos anos 20 e 30 do século passado, como a Paris da Ásia. A dinâmica económica da cidade tinha-a transformado na principal praça financeira do Oriente e na margem esquerda do rio Huang Pu, as grandes empresas construíram edifícios majestosos para as suas sedes, criando o Bund, uma avenida marginal cheia de vida e de animação (Foto 10).

Nos últimos anos as autoridades chinesas procuram recuperar esta aura e, para além da abertura da economia à iniciativa privada, estimulam iniciativas para recuperar a imagem de cidade cosmopolita. Utilizando como pretexto a Exposição Mundial de 2010 foram realizados grandes investimentos em domínios, como as infra-estruturas, os equipamentos e os serviços, mas acima de tudo implementou-se um novo desenho da cidade orientado pelo plano de 1992 concebido pelo gabinete do arquitecto Richard Rogers, que apostou desde o início na iluminação artística dos edifícios históricos do Bund. Esta aposta criou um espaço único que constitui uma das grandes atracções turísticas da cidade que se prolonga através da feérica rua pedonal de Nanjing, estabelecendo um percurso onde se vêem residentes e turistas e se criou uma intensa animação nocturna apenas através da deambulação por entre vendedores ambulantes, artistas de rua e sem abrigos que procuram um lugar para passar a noite.



Foto 10 - Bund, Shangai
Fonte: arquivo da autora



Foto 10 - Pudong, Shangai
Fonte: arquivo da autora

Do passeio ribeirinho do Bund podemos ver na outra margem Pudong a nova área de expansão de Xangai (Foto 10). Pudong foi uma das primeiras áreas abertas à iniciativa capitalista nos anos 80 e os arranha-céus digladiam-se pelo título de “edifício mais alto” da Ásia, da China ou de Xangai. A paisagem nocturna é surpreendente e permite descobrir outra cidade. Para além das iluminações artísticas, as fachadas são animadas permanentemente por anúncios, construindo outro espectáculo. Espectáculo este que fica ainda mais surpreendente com a passagem contínua no rio escuro de barcos com ecrãs gigantes com publicidade aos mais diferentes produtos e serviços. Mas esta paisagem é surpreendente vista de longe, porque o espaço urbano de Pudong à noite não é atractivo. Como é um centro de serviços moderno, com os edifícios muito distantes uns dos outros, as deslocações são feitas, predominantemente, de automóvel e as ruas ficam desertas. Pudong à noite é, sobretudo, para ser visto à distância, não é agradável para ser vivenciado no espaço público.

Pelo contrário, do lado da cidade mais antiga a vida criada pelos milhares de pessoas na rua até altas horas confere-lhe uma animação e um calor humano que dá segurança aos turistas e estimula a deambulação para usufruir a cidade. Esta área da cidade está, contudo, a sofrer um processo de demolição das habitações tradicionais, a expulsão dos habitantes para bairros periféricos distantes do centro e a substituição dos edifícios por novos arranha-céus ligados aos serviços. Como as novas classes ricas se deslocam até aos luxuosos restaurantes do Bund de carro e observam do alto dos edifícios o espectáculo da cidade nocturna será de temer que muito em breve o caloroso ambiente de Xangai à noite deixe de ser atracção turística.

7.4 Atenas: como um plano-luz criou a cidade nocturna

Aproveitando os investimentos para a realização dos Jogos Olímpicos de 2004, o município encomendou um plano de luz com o objectivo de criar uma “paisagem nocturna” para Atenas.

A equipa liderada por Roger Narboni (NARBONI, 2003) identificou como o principal valor da cidade o património arqueológico e decidiu que o plano de luz devia centrar-se em torná-lo visível à noite. O que se passava é que os sítios arqueológicos, facilmente identificáveis de dia, à noite estavam submersos por uma iluminação ambiental pouco hierarquizada. O objectivo do projecto foi desenvolver um esquema de iluminação pública que colocasse em evidência os principais monumentos, tornasse explícito os percursos e criasse nos principais espaços públicos ambientes onde fosse confortável estar para desfrutar a qualidade natural das noites mediterrânicas.

Com a implementação do plano-luz do alto Monte Lykavittós (Foto 11) pode-se desfrutar de uma paisagem sem poluição luminosa, pois os candeeiros de reduzida altura apontam o feixe de luz para o solo, e no meio da escuridão emergem espaços fulgurantemente iluminados: os sítios arqueológicos. O resultado foi o surgimento de uma paisagem nocturna que mais do que a diurna põe em relevo o património que é, precisamente, o principal factor de atracção turística da cidade. Ao mesmo tempo, nas principais praças e nos bairros mais tradicionais, como a Placa, a iluminação ambiental criou ambientes aprazíveis e estimuladores do convívio ao ar livre, animando a noite da cidade.

A planificação da cidade nocturna através da iluminação ambiental e artística permitiu à cidade de Atenas criar um raro produto turístico. A descoberta e vivência nocturna do património arqueológico é diferente da experiência diurna. O plano-luz, ao mesmo tempo, que permitiu racionalizar o uso da energia melhorou o ambiente urbano, estimulando a vida na rua à noite e economizando no consumo energético.

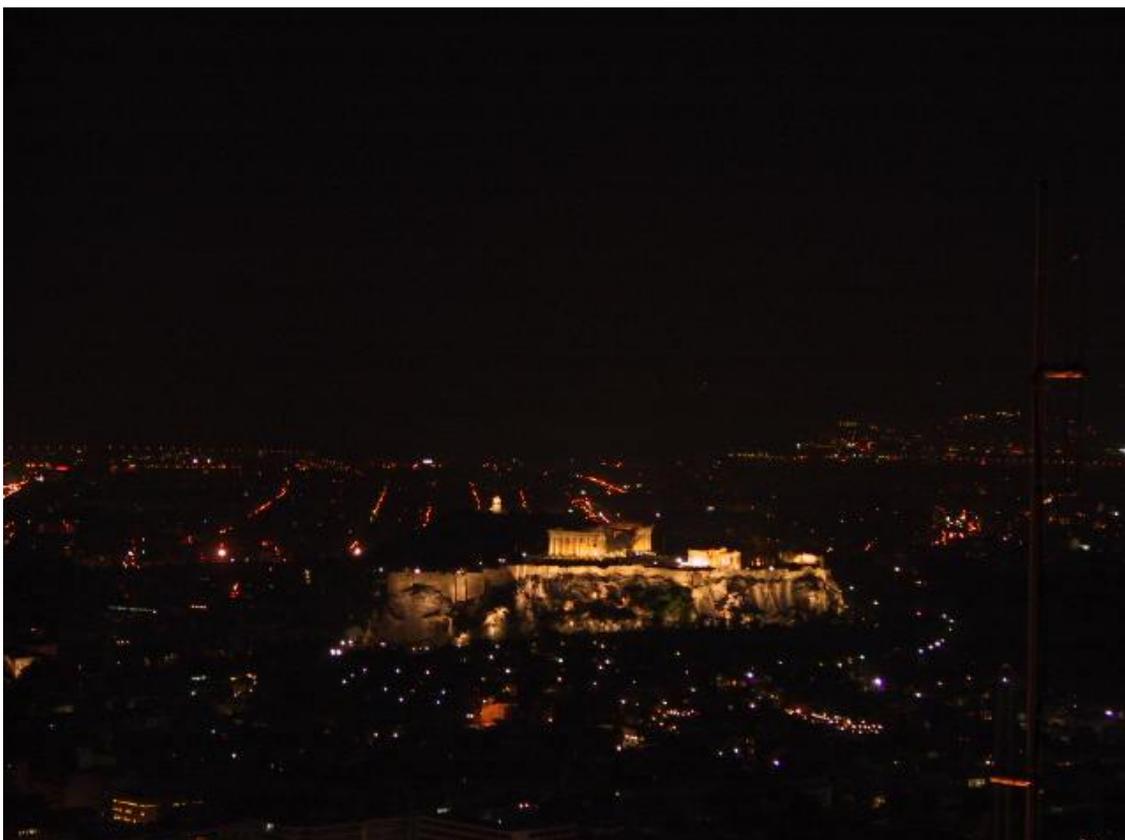


Foto 11 - Monte Lykavittós
Fonte: arquivo da autora

7.5 Lyon: a cidade da luz⁴

Lyon (França) foi a primeira cidade do mundo a ter um plano-luz, facto que a transformou numa referência mundial na concepção de luz e nas questões de iluminação urbana. O primeiro plano-luz surgiu em 1989 e foi pioneiro tanto do ponto de vista técnico, como político, como artístico. Ao mesmo tempo foram lançados vários planos de ordenamento do território e de desenvolvimento económico que tinham por objectivo transformar Lyon, até 2010, numa metrópole à escala europeia. Para além do apoio à criação/fixação de empresas pretendia-se refazer a cidade a partir do tecido existente, investindo nos bairros, na qualificação do espaço público, nos transportes e no *marketing* (Salgueiro 2002). Uma das orientações da política urbana era precisamente valorizar a cultura e a criatividade como vectores da acção económica, apostando em acontecimentos de nível internacional capazes de transformar Lyon num destino cultural (SALGUEIRO, 2002).

A filosofia que esteve subjacente à elaboração do primeiro plano-luz era que a colocação de luz no espaço público não devia ter a ver apenas com segurança, mas que devia ter um papel fundamental na concepção e desenvolvimento do espaço urbano e contribuir para um desenvolvimento sustentável através da utilização de formas de iluminar mais eficientes e amigas do ambiente. Ao organizar o desenvolvimento da iluminação da cidade de Lyon o plano-luz deu-lhe uma nova visibilidade, colocou em evidência a sua identidade,

⁴ http://www.lyon.fr/vdl/sections/fr/urbanisme/plan_lumiere_1/le_plan_lumiere_hi_Le_Plan_Lumière. Une histoire de ville.

apoiando-se no património, na história, na geografia, e iluminou mais de 250 sítios de acordo com os diferentes tipos de uso.

Em 2004, começou a ser implementado o segundo plano-luz que completou e reforçou o primeiro, centrando-se em mostrar as pessoas e as suas actividades. Foram definidos os seguintes eixos estratégicos: respeitar as diferentes ambiências (por exemplo nas margens dos rios respeitar a obscuridade); marcar a silhueta da cidade (iluminar de forma a destacar no perfil nocturno os principais monumentos, os grandes projectos, as grandes vias, as entradas na cidade); iluminar os bairros, respeitando as características de vida, elaborando planos de luz territoriais específicos para cada caso; apostar nos espaços públicos (jardins, beira-rio, praças); valorizar as paisagens nocturnas através do respeito pelos grandes cones de vistas.

Foi estabelecido que só se devia ter em conta a luz útil, devendo ser eliminados todos os fluxos horizontais ou que ultrapassem as superfícies a iluminar. O novo Plano-Luz baseia-se na experimentação e foi concebido como um processo aberto, evolutivo e adaptável no tempo.

Depois de 2006, o poder político decidiu acelerar a renovação dos sistemas de iluminação para reduzir o consumo de electricidade. Só na passagem das lâmpadas instaladas de 400 W para 250 W, por exemplo, ganhou-se uma economia em energia na ordem dos 40%. Para reduzir a poluição luminosa procedeu-se à substituição de luminárias do tipo globo por equipamentos com fluxos dirigidos para baixo o que promoveu a melhoria da iluminação útil. Neste momento, decorre uma experiência com a colocação de "paralumes" para limitar os fluxos de luz na direcção das fachadas dos edifícios.



Foto 12 - Fête des Lumières
Fonte: arquivo da autora

O programa de iluminação pública assenta na necessidade de desenvolver ciclos de iluminação diferenciados de acordo com os usos e as horas da noite. Determinadas áreas não

são iluminadas entre a 1 e as 5 da manhã, assim como os parques urbanos que estão encerrados à noite têm a iluminação limitada.

A iluminação urbana foi reconhecida como uma arte e uma profissão e tornou-se fundamental para a afirmação internacional de Lyon e da sua aglomeração. A oportunidade criada pelo desenvolvimento dos planos-luz e a congregação de esforços colectivos permitiram que as empresas, os conceptores de luz e os artistas de Lyon ganhassem visibilidade e fossem convidados para desenvolver projectos por todo o mundo: o museu do Ermitage em S. Petersbourg, o Castillo del Moro em Havane, o museu da cidade de Hô Chi Minh, o Monument Ryadh el Feth em Alger, a Menara em Marrakech ou as Torres Petronas em Kuala Lumpur. Criou-se em Lyon uma verdadeira fileira de especialização em torno da arte de iluminar, com o desenvolvimento de formações específicas e actividades económicas e culturais ligadas à luz.

A *Fête des Lumières* é o momento alto da vida da cidade de Lyon que todos os anos atrai à cidade milhões de visitantes. É uma festa que serve para através de obras de arte efémera experimentar novas abordagens, novos suportes, novas soluções para a iluminação pública e que consome apenas 0,01% da energia anual da cidade de Lyon.

7.6 Luzboa: arte e luz, na animação dos espaços públicos

Luzboa foi uma iniciativa cultural dedicada ao tema da luz e da iluminação em Lisboa e ocorreu em 2004 e 2006. Através de uma programação de arte contemporânea internacional, foram promovidas iniciativas efémeras com o objectivo de chamar a atenção para a necessidade de requalificar espaços públicos da cidade à noite.

A iniciativa partiu da Extra]muros[associação para a cidade e do Instituto Franco-Português/ Embaixada de França e foi apoiada por entidades públicas, como a Câmara Municipal de Lisboa, o Ministério da Cultura e a Universidade de Lisboa e teve o Alto Patrocínio da Presidência da República. O papel das empresas ligadas ao sector foi determinante no financiamento, revelando a importância destas questões para o mundo empresarial. A componente artística assegurou a comunicação entre universos habitualmente distantes: poder político, indústria, serviços, população, investigação e cultura.

O evento foi a oportunidade para, por um lado, discutir as novas abordagens no panorama da iluminação pública e ambiental, nomeadamente as questões relacionadas com poluição luminosa, a sustentabilidade ambiental, a economia, as estratégias empresariais, a gestão territorial e o planeamento em busca de uma melhor luz/iluminação. E, por outro, as estratégias dos artistas, em particular, de que modo estas podem contribuir para uma luz urbana não apenas mais confortável, mas capaz de gerar fenómenos de valorização, de identidade, de pertença e de auto-estima.

Ao longo do evento a problemática da luz foi abordada muito para além da questão do dar visibilidade aos objectos, porque a luz urbana deixou de se limitar aos domínios do património construído e passou a abarcar as questões relacionadas com as vivências dos espaços públicos. A luz pode dar coerência territorial a um espaço fragmentado, pode contribuir para diminuir barreiras topográficas, para prefigurar diferentes tipos de usos do espaço, ajuda a identificar a estrutura urbana e aumenta a rapidez e a capacidade de dominar ou conhecer um dado território (Gravelaine 2003). Mais do que a quantidade de luz que se coloca no espaço público é a qualidade dessa luz, através da capacidade de nos transmitir informações, que permite alcançar objectivos como a segurança e o conforto, que por sua vez são elementos estratégicos da vivificação dos espaços públicos (MASBOUNGI, 2003).

Para as duas edições do evento foram definidos três domínios de acção:

- arte contemporânea;
- desenho urbano de luz; e

- bienal internacional.

Em primeiro lugar, pretendeu-se através da realização de projectos nacionais e internacionais de arte contemporânea criar fenómenos de comunicação geradores de identidade, magia e riqueza visual, que se constituíssem como que a base de uma dinâmica de transformação da imagem da cidade de Lisboa. Foram convidados artistas para que interviessem em espaços públicos como praças, ruas, miradouros, escadinhas, becos e pátios, de modo a criarem obras que tivessem a função de chamar pessoas até esses lugares, oferecendo-lhes novas vivências estéticas e sensoriais.

De entre as diversas intervenções salientamos “Electricos 2004” de Yan Kersale, “Family Idea” de Ron Haseldan e “DEMO_polis” dos Moov (2006). No primeiro caso, partindo de um aspecto característico da cidade de Lisboa, os eléctricos, o artista criou um objecto de luz que se transformou num evento em movimento, as pessoas esperavam para andar especificamente naquele eléctrico, saíam e queriam fotografar o condutor, a animação estava muito para além do objecto (Foto 13).



Foto 13 - Electricos

Fonte: arquivo da autora

O aspecto mais significativo da obra de Ron Haseldan (Fotos 14 e 15) é o facto de ela ter por base os desenhos feitos pelos meninos e meninas da creche da Associação Moinho da Juventude do Bairro da Cova da Moura sobre as suas famílias. As famílias desenhadas são muito heterogéneas, frequentemente, não têm adultos, apenas crianças. Muitas destas crianças estão entregues a outras crianças, pois os pais trabalham todo o dia fora do Bairro e nalguns casos emigraram.



Foto 14 - Family Idea
Fonte: arquivo da autora



Foto 15 - Family Idea
Fonte: arquivo da autora



Foto 16: DEMO_polis
Fonte: arquivo da autora



Foto 17 - DEMO_polis
Fonte: arquivo da autora

O trabalho dos Moov (Fotos 16 e 17) chama a atenção para o espaço público e a forma como deles nos apropriamos, sobretudo, nos usos temporários. Um conjunto de pequenas tendas num pátio de Lisboa convidava os transeuntes a experiências únicas como dormir numa cama de relva, a partilhar o espaço com alfaces, com coraçõezinhos vermelhos, garrafas de espumante...

O evento de 2006 foi estruturado num percurso em que as 3 cores do RGB eram o pretexto para descobrir a cidade nocturna do Príncipe Real a Alfama. Foram apresentadas 24 intervenções artísticas, de 32 criadores, de 8 países, entre nomes consagrados e emergentes, que mostraram através da arte da luz o valor dos espaços públicos da cidade (CAEIRO, 2007).

Ao longo da preparação do evento foram realizados vários workshops sobre desenho urbano de luz. Pretendia-se desenvolver acções de desenho urbano exemplares, permitindo a renovação simbólica e ambiental da cidade, integrando preocupações de qualidade vivencial. Para além do caso dos Arcos de Alfama (com Laurent Fachard), desenvolveu-se um projecto para uma área ribeirinha na margem esquerda do rio Tejo (com Yann Kersalé). Num cais onde predominam edifícios abandonados que no passado eram armazéns ligados ao comércio marítimo, existe um percurso cuja qualidade ambiental e paisagística lhe confere um carácter único, capaz de potenciar o desenvolvimento de novas actividades. Como estamos perante um espaço com boa acessibilidade, por barco, ao centro de Lisboa e onde a função residencial é quase inexistente, existem condições óptimas para o desenvolvimento de funções ligadas ao lazer e à cultura pois o risco de conflito de interesses é quase nulo. A intervenção de luz foi desenhada de modo a consolidar o carácter único do espaço, a criar uma ambiência confortável e acolhedora, apelando à deambulação ao longo do rio, e a estimular a curiosidade de quem da margem direita do Tejo olhe para o Ginjal (a margem esquerda). Aos residentes nas áreas envolventes pretende-se oferecer mais um motivo para se orgulharem do espaço onde vivem.

O último objectivo da Luzboa era a criação de uma Bienal da Luz que colocasse Lisboa nas grandes rotas culturais, a par com Lyon, Paris, Genebra ou Turim. Ao assegurar a ritualização de uma bienal internacional pretendia-se integrar a capital nas rotas internacionais do turismo cultural e contribuir para uma imagem positiva e integradora de Lisboa e Portugal.

7.7 Stromboli: o triunfo da luz natural

Quem visita Stromboli, nas Ilhas Eólicas em Itália, vai para observar a actividade do seu vulcão. Com um regime explosivo só de noite se pode ver o espectáculo em todo o seu esplendor.

A actividade turística na ilha promove muito pouco o alojamento hoteleiro porque durante o dia os turistas passeiam pela vila, dormem na praia e ao fim da tarde sobem a encosta, aproximando-se o mais possível da cratera onde o vulcão está activo. A noite é passada ao ar livre, no mais completo silêncio, a ver as explosões e as bombas vulcânicas a rolarem na Seara de Fogo e a ouvir o som destas a apagarem-se à medida que mergulham no mar. Quanto maior a escuridão mais visível, mais audível e mais sentido é o espectáculo do Stromboli.

A ausência de luz faz com que a “tirania” da visão seja atenuada e todos os outros sentidos, ouvido, olfacto, tacto, fiquem mais despertos. Tal só é possível porque em Stromboli não há qualquer poluição luminosa ou sonora. Nas veredas, porque não há ruas ou estradas, não há iluminação pública, nem barulho de carros a circular, porque em Stromboli não há automóveis.

Numa noite de Lua Nova, apenas podemos ver as estrelinhas do céu e as pequenas pilhas dos turistas que iluminam os caminhos até ao lugar donde se pode observar o vulcão. Só nestas condições de ausência total de luz artificial se acede a um belíssimo espectáculo para

todos os sentidos. A decisão das autoridades em não instalar qualquer iluminação pública foi compreendida por todos, não teve qualquer reflexo negativo em termos de segurança e contribuiu para a valorização do principal recurso da ilha o espectáculo das explosões do Stromboli.

8 CONCLUSÕES

A noite não é um espaço-tempo igual ao dia, logo o território à noite necessita de uma gestão diferente da do dia. A noite é um espaço-tempo com características específicas e, por isso, o comportamento nos territórios das pessoas, das empresas e das instituições não é igual ao de dia.

As mudanças nos modos como utilizamos o tempo e o espaço, em resultado da evolução das práticas individuais e colectivas, conduziram a novas dinâmicas de desenvolvimento dos territórios à noite. Um dos aspectos mais evidentes é o crescimento das actividades de serviços, nomeadamente nas áreas da cultura e lazer, o que criou novas oportunidades de empregos e gera fluxos de pessoas, de bens e mercadorias que afectam em particular determinadas áreas. Mas como estas áreas não são necessariamente as que tinham mais actividades durante o dia, requerem um tratamento em termos de gestão do território, dos transportes, da logística e da vida nos espaços públicos com características adequadas aos novos ritmos.

Nalguns locais surgem conflitos entre habitantes ciosos da sua tranquilidade e os consumidores das actividades com lógicas de funcionamento mais nocturnas. O modo como os poderes autárquicos em Portugal têm procurado gerir estas tensões resume-se a uma política de horários de funcionamento dos estabelecimentos e de normas sobre a circulação de veículos. Mais recentemente as iniciativas relacionadas com a vigilância através de vídeo surgem como uma panaceia para a resolução da conflitualidade no território, em particular à noite, facto que ainda não está comprovado por factos.

A incorporação na esfera da produção e do consumo do espaço-tempo noite traduz-se não só no alargamento de horários de trabalho de actividades diurnas, como também no surgimento de novas actividades para responder a outras necessidades de procura. As diferenças nas dinâmicas de desenvolvimento dos territórios – novos ritmos, novas práticas, novas actividades, outras culturas, outras pessoas - vão condicionar o território em que vamos viver quando o sol nasce. Porque a noite não é um espaço igual ao dia, as necessidades de gestão dos territórios são diferentes, torna-se portanto necessário desenvolver processos e instrumentos de planeamento que permitam implementar acções para que os territórios possam ser vividos com qualidade e de uma forma sustentável quer de dia, quer de noite.

Os territórios à noite raramente são tema para as políticas públicas e produzem um reduzido número de instrumentos de gestão. Nos documentos de política urbana ao nível local podem surgir referências à promoção da vida nocturna em determinados pontos da cidade, aos problemas da segurança ou do barulho, a planos de iluminação pública, mas uma reflexão profunda sobre a prospectiva, o ordenamento e a gestão do território à noite estão quase sempre ausentes.

Os exemplos de iniciativas e boas práticas de gestão dos territórios à noite que apresentámos neste texto revelam, contudo, como por vezes acções pouco concertadas acabam por surtir efeitos positivos sobre o modo como se vive o território à noite. Planos-luz, iluminação artística, eventos de arte da luz em espaços públicos, animação dos territórios à noite, requalificação urbana com base em investimentos em arte da luz são alguns dos exemplos de sucesso que contribuem para que possa haver vida com qualidade nos espaços públicos à noite e os territórios se tornem espaços de cidadania. A luz artificial pode ser um instrumento de transformação dos territórios, contribuindo para uma gestão de qualidade dos

espaços públicos: intervindo na requalificação; criando ambientes adequados à funcionalidade; regenerando e invertendo situações negativas; promovendo planos de iluminação para valorizar espaços em dificuldade; criando sentimentos de pertença, de conhecimento dos lugares, dando novos sentidos para a apropriação dos territórios; valorizando o património construído ou o património natural, criando novas percepções e construindo novas paisagens.

MANAGEMENT OF THE NIGHT AND OPPORTUNITIES FOR DEVELOPMENT OF TERRITORIES

Abstract

This article aims to reflect on the changes in the contexts of use of time and space, and individual and collective practices and how they help to understand the dynamics of development of territories in the evening and, in particular, the growth of services and to discuss how the processes of planning and management can intervene so that the territory can be lived with a quality and sustainable way at night. Along the way, in search of answers, presents the following issues: The area at night requires a different management of the day? What might be the policy areas of public policy in land management at night? In conclusion, initiatives are presented and examples of good management practice areas at night.

Keywords: Management. Territory. Night. Urban planning. Management of the night.

Artigo recebido em 19/11/2011 e aceito para publicação em 19/12/2011

REFERÊNCIAS

AAS, D. et al. **Time use studies:** Dimensions and Applications. Central Statistical Office of Finland: Helsinki, 1986.

ALVES T. Geografias da luz. In: **Luzboa, a arte da luz em Lisboa.** Almada: Extramuros, 2004.

_____. **Geografia dos serviços:** reestruturação produtiva e inovação social. Lisboa: CEG, 2005.

_____. A noite, a cidade e a geografia das actividades económicas social. In: **Geophilia – o sentir e os sentidos da Geografia.** Lisboa: CEG, p. 489-500, 2007a.

_____. Art, Light and Landscape New Agendas for Urban Development. **European Planning Studies**, v. 15, n. 9, p. 1247-1260, 2007b.

_____. Noite e turismo: novas oportunidades para a inovação no território. Turismo, inovação e desenvolvimento. In: SEMINÁRIO TURISMO E PLANEAMENTO DO TERRITÓRIO, 1., Lisboa. **Actas...** Lisboa: CEG, p. 175-186, 2008.

_____. **Geografia da Noite.** Lisboa: CEG, 2010.

_____; COSTA, E.; PIRES, I. O quotidiano nas cidades médias - os casos de Aveiro e Viseu. In: CONGRESSO DA SOCIOLOGIA ECONÓMICA PORTUGUESA, 1., 1998.

ASCHER, F. Du vivre en juste à temps au chrono-urbanisme. **Les Annales de La Recherche Urbaine**, n. 77, p. 113-122, 1997.

BONFIGLIOLI, S. Les politiques des temps urbains en Italie. In: **Les Annales de La Recherche Urbaine**, n. 77, p. 22-27, 1997.

BOULIN, J. Y. Nouveaux rapports temps, espace et société. DATAR G.6. «T&T». **Atelier de Belfort**, 26-27 Octobre 200, p. 16-18, 2000.

- _____. **La ville à mille temps**. Paris: Editions de l'Aube, 2002.
- CAEIRO, M. À Luz. In: CAEIRO, M.; ALVES, T.; FARO, M. M. (Ed). **Luzboa - Lisboa reinventada pela luz**, Lisboa: VIA-Verlag/Extra]muros[,p.10-31, 2007.
- CASTELLS, M. **The information age: Economy, Society and Culture**. Cambridge: Blackwell, 1996.
- CLARK, T. N. A nova escola de Chicago: convite a um debate. In: CABRAL, M. V. et al. **Cidade e Cidadania**. Lisboa: ICS, p. 31-78, 2008.
- DUGAR, A. M. Jaume Plensa. Cronw Fountain Chicago. In: CAEIRO, M.; ALVES, T.; FARO, M. M. (Ed). **Luzboa - Lisboa reinventada pela luz**. Lisboa: Via-Verlag/Extra]muros[,p. 196-198, 2007.
- EC. **Time use at different stages of life Results from 13 European countries**. Luxembourg: Office for Official Publications of the European Communities, 2003.
- ESPINASSE, C.; BUHAGIAR, P. **Les passagers de la nuit** : vie nocturne des jeunes. Paris: Editions L'Harmattan, 2004.
- GANDELSONAS, M. Logique des signes-la nuit américaine. In : **Penser la ville par la lumière**. Project Urbain, Paris: Éditions de la Villette, 2003.
- GIEDON, S. **Space, time and architecture**. New York: Peguins, 1969.
- GODARD, F. A propos des nouvelles temporalités urbaines. **Les Annales de La Recherche Urbaine**, n. 77, p. 7-14, 1997.
- GOODMAN, J. **Twenty-four hours: Insights into the Flow of Daily Life from the American**. The Time Use Institute, 2008. Acedido em: 30 de Maio 2011.
- GRAVELAINE, F. Éclairer l'urbain et le suburbain. In : **Penser la ville par la lumière**. Project Urbain. Paris: Éditions de la Villette, 2003.
- GWIAZDZINSKI, L. **La ville 24 heures sur 24 heures**. Paris: Editions de l'Aube, 2003.
- _____. **Nuits d'Europe, pour des villes accessibles et hospitalières**. Belfort: Chantiers, 2007.
- HERVE, E. **Le temps des villes**. 2001. <http://i.ville.gouv.fr/divbib/doc/rapporttempsdesvilles.pdf>. Acedido em: 15 de Dez. 2008.
- HEURGON, E. Préserver la nuit, pour réinventer le jour. In: ESPINASSE, C.; GWIAZDZINSKI, L.; HEURGON, L. (Coord.). **La nuit en question(s)**. Paris: Ed. l'Aube, p. 50-60, 2005.
- LOPES, M. G. C.; COELHO, E. **Diferenças e semelhanças entre o uso do tempo das crianças e dos adultos em portugal**. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 2002.
- MARCONIS, R. **Nouveaux rythmes urbains: La ville à 1000 temps?** 2005. Acedido em: 10 de Out. 2008]
- MASBOUNGI, A. La lumière et ses ombres. In : **Penser la ville par la lumière**. Project Urbain. Paris: Éditions de la Villette, 2003.
- MATARASSO, F. **To save the city: the function of art in contemporary Europe society**. (paper for the 3rd Delphi Encounters), 2000.
- PAQUOT, T. Le sentiment de la nuit urbaine aux XIXe et XXe siècles. **Les Annales de La Recherche Urbaine**, n. 87, p. 8-15, 2000.
- PELZ, B. Festivals de Luz. In: CAEIRO, M.; ALVES, T.; FARO, M. M. (Ed). **Luzboa - Lisboa reinventada pela luz**. Lisboa: VIA-Verlag/Extra]muros[,p.168-175, 2007.

PIÇON, M.; PIÇON-CHARLOT, M. Les nuits de Paris. **Les Annales de La Recherche Urbaine**, n. 87, p. 15-24, 2000.

SALGUEIRO, T. B. (Org.). **Lisboa e os desafios da nova economia**. Lisboa : CEG, 2002.